

CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE

(Rio, 1-X-1940 — S. Paulo, 21-III-1942)

Apresentação e notas de NEWTON FREITAS

Não se tem em vista, aqui, esclarecer ao leitor a complexa personalidade de Mário de Andrade. Nem sequer situá-lo no cenário da literatura nacional, ou no esplêndido movimento modernista de 1922.

Outros autores e outros especialistas já o fizeram e continuarão a fazê-lo: a figura de Mário de Andrade, à proporção que o tempo passa, cresce, se eleva, e chegará mesmo, se não nos enganamos, a engolir todas as outras que de uma forma ou de outra participaram do referido movimento.

Quero apenas situar a nossa correspondência, trocada de 1940 até princípios de 1945, em poucos anos de uma intensa amizade.

Lamento enormemente que muitas cartas tenham desaparecido durante minha aventureira existência de eterno turista; após haver deixado âncora em Buenos Aires durante 10 anos, desloquei-me, sem um plano preconcebido, de acordo com as oscilações de meus amigos situados nos governos que se sucederam no Brasil. Desta forma, andei pela Itália, pela Bélgica, pela Inglaterra, pelo México, pela Argélia, sem contar, naturalmente, as viagens suplementares e estadas frequentes no Brasil. Não é pois de admirar que apenas hajam resistido às mudanças contínuas, às malas, bagagens e despachos, apenas estas cartas que agora publico.

Minha amizade com Mário de Andrade foi uma espécie de amor à primeira vista. Encontramo-nos no Rio sem apresentação prévia, nem nada. Ele que lia tudo, mas tudo mesmo, acompanhava minhas atividades literárias em Buenos Aires. Na verdade, Mário sabia tanto de literatura argentina sem nunca ter estado em Buenos Aires, e estava de tal forma ligado aos escritores da "avant-garde" portenha da sua geração, que eu não tive sequer o trabalho de esclarecê-lo a respeito do que se passava na cidade que me recebera como emigrado do Estado Novo, sem um centavo no bolso, e me adotara definitivamente, dando-me oportunidade de realizar junto à imprensa do Rio da Prata um trabalho de aproximação literária e artística entre o Brasil e a Argentina.

Mário de Andrade sabia de tudo, lia tudo, acompanhava tudo que se escrevia em Buenos Aires. Era, portanto, leitor dos suplementos literários de *La Nación* (dirigido naquela época por Eduardo Mallea), de *La Capital*, de Rosário, e das inúmeras revistas

e semanários de literatura e arte que surgiam, e aos quais eu estava ligado estreitamente, colaborando ou não. A época favorecia esta eclosão literária portenha. A guerra da Espanha terminada, a guerra da Europa começada, Buenos Aires estava cheia de escritores, ensaístas, pintores, músicos, vindos, quer da Espanha, quer da França — cortada em duas partes. Era a época em que Don Manuel de Falla, Ortega y Gasset, Ramón Gomez de la Serne, Rafael Alberti, Francisco Ayala, o pintor Colmeiro, Lorenzo Varela e tantos outros espanhóis exilados, fugidos de uma Espanha ensanguentada, misturavam-se com exilados de todas as partes. Lá estavam Louis Jouvet, Roger Caillois, escritores alemães, checos, russos, enfim, homens de todas as nacionalidades se acotovelavam e se reuniam na grande cidade platina. Muitos partiram depois para outras cidades americanas, mas a maioria lá fixou residência. Foi a época de ouro da cultura argentina. No centro de todos, como polo único: Vitória Ocampo.

Mário de Andrade, através de meu entusiasmo de neófito das letras, reatou velhas amizades com os argentinos de sua geração: Luís Emilio Soto, Juan Pedro Vignale, Norah Lange, Olivério Girondo, J. L. Borges, Guillermo de Torre e tantos outros.

O tempo da nossa correspondência é especialmente uma época agitada, controvertida, discutível. A sensibilidade de Mário de Andrade, aquela angustiante posição que ele desde o princípio havia adotado para norrear sua vida, via-se a todo momento arranhada. Essa sensibilidade de poeta, de profundas inquietações pelos seres que o rodeavam, precursor ele mesmo do herói sartreano, essa sensibilidade que se tornou famosa entre os que o assistiram viver na São Paulo de vinte anos atrás, essa sensibilidade explodia na correspondência que o amigo-ausente (eu, no caso), podia receber.

Não posso imaginá-lo senão protestando contra os insinceros, contra os vacilantes, contra os vendidos, contra os vira-casacas, contra os participantes do drama da ditadura de Vargas, então em plena expansão.

Muitas vezes, depois de sua morte, pensei que a morte o havia simbolicamente atingido, pois a "angina pectoris" que o matou é, sem dúvida, o drama de um poeta angustiado, apertando minuto a minuto o coração dentro do peito.

Nada há a acrescentar a essas cartas; apenas a levandade, o exagerado (imoderado mesmo) empenho que eu punha, encaminhando a um homem como ele, ocupado, minucioso, delicado até o fim, pessoas e problemas que nada tinham a ver com a literatura, mas apenas decorrentes de minhas amizades pessoais em Buenos Aires, quando não questões e pura subsistência financeira. Cumulou-me Mário de Andrade de favores, muitos dos quais jamais agradecei. Creio que ele fez isso por muitos outros, mas quando li num vespertino de Buenos Aires as quatro linhas que anunciavam a morte, em São Paulo, do poeta Mário de Andrade, recusei-me a aceitar a realidade de que se tratava de meu amigo Mário, o mesmo que na véspera me mandara uma carta cheia de idéias, notícias, gentilezas. Do meu amigo Mário, que, 15 dias depois da trágica notícia, ainda me agradava com o *Macunaíma* das suas *Obras Completas*, que me chegaram viajando por mar. Com o livro nas mãos ocorreu-me pensar que eu era para ele um outro Macunaíma que fugira à sua criação literária.

Para mim, porém, ele não era o meu autor, era o mais belo episódio da minha vida de escritor, porquanto na sua figura eu reunia e resumia as figuras talvez um pouco esquivas da minha vida verdadeira: o mestre, o herói, o irmão mais velho, o ser cuja autoridade acabava de se romper com a morte e que eu chegara a duvidar existisse fora das páginas de um livro.

Rio-2-V-40

A Lídia Besouchet e Newton Freitas

Venho com muita gratidão acusar recebimento dos "Diez Escritores de Brasil" que ontem recebi.

Já tinha lido o livro, allás, e já lhes estava um pouco assustadamente agradecido, a Newton Freitas por me ter contemplado tão generosamente no livro, e a Lídia Besouchet por ter consentido nisso. Poderia lhes dizer desde logo, em pormenor, toda a minha opinião sobre o livro. Considero-o, sem reservas intelectuais, excelente. O ângulo crítico em que se colocaram era incontestavelmente o mais exato para uma síntese feita para estrangeiros. Neste sentido poucas vezes tenho visto visão mais inteligente que a de vocês. E a compreensão interna dos autores estudados, o conhecimento verdadeiro da coisa nacional, tanto do ponto de vista da evolução e conjugação e problemas de raças, como, mais geralmente, do ponto de vista social, são simplesmente notáveis. Só lamento que o livro tenha saído com tantos erros de revisão tipográfica, especialmente nas poesias citadas. Foi uma pena porque várias delas saíram com versos deformados.

Me lembrei de lhes mandar algum livro meu como recordação, mas por enquanto fico apenas na promessa. É que meus livros estão rareando muito já, alguns totalmente esgotados e não lhes queria mandar duplicatas. Façam o favor de me dizer o que não possuem, e lhes mandarei o que ainda tiver. Com um abraço grato do

Mário de Andrade

Meu melhor endereço.
Mário de Andrade
rua Lopes Chaves, 546
São Paulo

Rio, 1-X-40

Newton

Já andava meio desenxabido com você. "O Newton é desses: muita amizade de perto, de longe te esquecerei." Mas enfim carta veio, não sei si é mentira si é verdade o que você diz, mas meu gosto é acreditar: te abraço, companheiro.

Aqui, a vida mudou um bocado e pra mim, se apertou. Deixei a crítica do Diário de Notícias, e de-noite na escurza os ratos deram uma grande festa em cima do queixinho da literatura nacional. Não aguentava mais, Newton. Além das picuinhas dos contrários, pressão, desgostos com os amigos. Enquanto eram só os contrários, ainda me aguentava bem, mas quando os amigos entraram na tarantela, me entontecei, tive uma espécie de mal-de-mer (de) e me safei em tempo. As vezes me despeito, outras vezes bebo chôpe.

Por causa disso a Maria de Villarino (1) chegou com atraso. Mas gostei de conhecer a poetisa, principalmente a dos sonetos que achei excelente. Val uma carta junto que você entregará a ela. Não tenho mais livros que me interesse mandar, mas assim que tirar as "Poesias Escolhidas", não me esquecerei da dona. Si esquecer, você me lembre.

(1) Maria de Villarino. Poetisa argentina. Naquela época ativa colaboradora do Suplemento Literário de *La Nación*.

Dessa nossa terra, não sei o que lhe contar. Sei que este meu canto da ladeira de Santa Tereza, foi um verdadeiro achado. Minha vida mudou bem, raro apareço lá no bar da Glória e outros lugares políticos e sociais. Estou a minuto e meio do largo da Lapa, mas subir a ladeira ou uma escadaria de 280 degraus fatiga tanto, e pra vir pelo outro lado, de bonde até o Curvelo e mais uns 300 metros de a-pé demora tanto que os amigos me abandonaram. Só a fidelidade sublime do Murilo (*) chega às vezes raras até aqui e telefona 5 vezes por semana, me contando o que vai pelo mundo.

Também pelo mundo das letras. E assim é que soube ter o louro e furtacor comunista do cacau, a quem o felicêero Jubiabá fechou o corpo e também completamente a decência, aceitado dirigir a página literária do "Meio Dia", que é a coisa mais nazista que Deus criou no melo dos vendilhões. Pelo que me contaram ganhava um dinheirão. Mas a coisa ficou tão enjojosa que as Diretrizes convidaram ele pra botar pseudônimo no nome com que fulgurava nelas. Mas nem assim o homenzinho pôde aguentar a censura aberta dos outros literatos, que nem sempre era censura aberta e sim despeito fechado de ver o mano ganhar mas ótimas boladas da teuta embalada. Então o célebre embarcou às pressas pro Sergipe, região de Escada ainda ecoante do teutônico Silvio Romero, e diz-que fomos colher documentação pra um novo romance porno-poético-social, mostrando que a vida está ruinzinha mesmo pros pobres, pros operários e pros que não têm poesia suficiente pra sem indigestão da espécie alguma, receber no bandulho acomodaticio, Lênin, Hitler e outros quirerinhas amáveis.

Entenda si puder, me'rmão. Ia escrever "me'rmão amado", mas achei melhor não por o "amado" que está muito por debaixo neste mundo de fogo.

O meu tem sido mais de água que de fogo. O fogo foram apenas uns 40 graus de gripe forte mas que passou logo. Flcou a chuva desta primavera meia besta, que só conseguiu florir uns dez botões de manacá que tenho aqui rente da janela baixa. Do outro lado os garotos deram na esperança de pomar que o meu vizinho alimenta, derubaram todas as manguinhas verdes e uns mamões que prometiam. O meu senhorio zanga, põe cadeado no portãozinho, mas eu pisco o olho esquerdo aos garotos. Como são estranhos os senhorios... Gastam uma fortuna pra manter umas árvores que jamais chegam a madurar os seus frutos, quando tem cada laranjaço, cada mamonaco, cada penca mirífica de banana vendidos por dez-réis de mel coado.

Ah! estou me lembrando que eu também fui senhorio no meu mundo, mas agora não sou mais! Não escrevo nada, mas mesmo nada, nem artigo pra jornal. Ando lendo os laranjaços desta nossa tão irregular inteligência humana. Repeguei no meu Goethe, que estava mesmo carecendo muito dele pra não confundir prussiano com alemão. Mas acho que vou voltar ao meu Cervantes logo. Com uns copitos de Rabelais pra "rebatê", como diz o caipira.

Pra não mentir por completo, devo dizer que depòis de dois meses de férias e experiência, estou com vontade de voltar a escrever alguns artigos, dois, três por mês. Não porém pra cultivar mangueiras renitentes, mas pra equilibrar finanças. No fundo uma venda tão imoral como qualquer outra...aa, Newton, meu Newton como este mundo é vil...

Um abraço verdadeiro do
(M traço)

(*) Murilo Miranda.

S. Paulo 6-III-41

Meu caro Newton,

Indispensável e a qualquer hora saudosamente, pensável, com todos os abraços festivos: muito bom dia. Tenho duas cartas de você que não respondi. Nem há o que responder dentro delas, coisa estranha! ainda não discutimos!...

Mas preciso lhe escrever pra matar estes desejos de correspondência e amizade e ainda pra lhe comunicar o caso grave da minha mudança definitiva pra São Paulo, onde paro nesta vossa, de você com Lídia, casa da rua Lopes Chaves, 546. Lídia? não sei por onde andarás estas horas! Só estive com ela um momentinho corrido de passagem, e isso mesmo por acaso, quando ela apareceu no Departamento de Cultura pra falar com Sérgio Millet. Eu estava lá, também de visita e nos vimos. Combinamos de nos encontrar no Rio, mas me demorei demais aqui (ela partia nessa mesma noite pra Guanabara) e quando cheguei lá ela já estava no Espírito Santo. E nunca mais a vi, com pena minha que gostei do jeito dela, a firmeza de dizer, o riso útil, o olhar fino. Perguntava por ela, me diziam que ainda no Espírito Santo, eu desejevo de a encontrar e me descartar da obrigação que assumira com o Procópio (*) aqui de entregar a ela a carta que vai junto. A carta parece de você pelo escritório donde vem, aqui a entrego.

Val também junto um opúsculo que pode ser meu mas é ruim, foi publicado sem nenhuma assistência minha e que, por mim e por minha decisão livre, jamais seria publicado. Mas não tinha liberdade pra proibir a publicação e paciência. Vai, meu Deus! enfim vai porque quando, a gente está mesmo assim todo assanhado de afeto, gosta de dar presentinho.

Si Lídia já estiver aí peça desculpas por mim da carta não entregue. Esperel sempre por ela no Rio, perguntava sempre por ela aos que a conheciam, depois veio a crise que me atirou salvadoramente pra São Paulo outra vez, e a obrigação ficou no tinteiro. Mas sou agora o mesmo de sempre.

te abraçando,
(M e traço)

S. Paulo, 27-III-41

Newton querido

não tenho tempo pra lhe escrever agora, a vida vai intensa e atravessada. Acabo de receber a carta de você. Está bem: podem publicar a conferência: já que saíu mesmo já não há mais por onde ocultá-la e 50 pesos (*) não é coisa que se despreze neste instante instável de minha vida.

Allás aí da (**) *Argentina Libre* me pediram colaboração, mandei pedir o jornal e mais esclarecimentos em carta registrada e ainda não me veio resposta. Você sabe alguma coisa sobre?

(*) Procópio Ferreira.

(*) 50 pesos vallam aproximadamente 12 dólares.

(**) *Argentina Libre*, semanário literário de tendência socialista liberal. Teve curta duração, mas durante a guerra européia, por sua orientação contrária ao neutralismo oficial da Argentina reuniu escritores, artistas e jornalistas estrangeiros e argentinos de grande projeção literária.

E como vai você na sua vida portenha? Me escreva agora uma carta menos de negócio e bondade pra comigo, livre, desimpedida, tire de seu tempo mais tempo pra me dar um naco mais comprido de conversa fiada.

Eu já arranchado com sabor e proletaríssima existência nesta sua casa da rua Lopes Chaves. Faço um mundo de coisas melo cosinhas por enquanto, mas sempre um mundo de coisas. E isso me satisfaz a consciência. Ando contente comigo e durmo sem remorsos feito um recém-nascido. Recém-nasci... De vez em quando choramingo de fome — fome que não é exatamente nem de leite nem de bananas amassadas, mas de mãos fortes e olhos bons de amigos feito você.

Te abraço

(M. traço)

S. Paulo, 23-IV-41

Mas Newton,

lhe respondi sim, numa carta aérea (*) no mesmo dia em que recebi a de você. (Cortado pela censura a tesoura). Agora não sei si esta lhe chegará às mãos e fico inquieto. Era uma carta longa lhe contando muitas coisas daqui. E antes de mais nada concordando com a publicação da minha conferência em "Argentina Libre" como você me propusera. Allás agora recebo regularmente o jornal que me entusiasma, é muito bem feito, e estou em comunicação com o Romero Brest (2) da página de artes plásticas. Prometi a ele iniciar no jornal uma colaboração brasileira de artes plásticas, mas como estou ocupadíssimo, vou esperar que saia primeiro a conferência. Me escreve ao menos um cartãozinho dizendo que recebeu esta. Hoje não posso lhe escrever mais que este consentimento, não se irrite. Tenho trabalhos até os ossos. Mas fique sabendo que além de sempre responder a quantas cartas recebo, a você é que nunca deixaria de responder. Te gosto.

Com o abraço velho do

Mário

S. Paulo, 7-XI-41

Newton

Estou desesperado e só lhe mando três linhas. Lhe tenho escrito, (*) lhe mandei o meu livreco "Música do Brasil" que desejei muito que você lesse e Lidia também.

Mas você não responde, não escreve mais, não acusa recebimento do livro, nada! Lelo você em "Planalto", de vez em quando recebo um livro argentino, cujo autor se recomenda em você, sinto você me "acirculando", como se diz no nordeste, mas como invisível brisa.

Afinal, qual é seu endereço! é mesmo o que val aqui? Mande dizer, por favor. Minhas "Poesias" saem no fim deste mês, porém não mandarei sem garantia de endereço certo. Fico esperando.

(*) Essa carta, como tantas outras, não me chegou às mãos. A censura do Estado Novo suprimia muita correspondência além da de realizar muitos cortes como alguns que tornavam, as vezes, ininteligíveis certos períodos das cartas de Mário.

(2) Romero Brest. Crítico de arte argentino de fama internacional. Atualmente Diretor do Museu de "Bellas Artes de Buenos Aires".

(*) Outra carta extraviada pela censura.

Tenho agido pessimamente com "Argentina Libre" e o Romero Brest. Fiquei de mandar colaboração e até agora! Quando encontrar o Brest, conte que estou muito doente, que morri, que viajei pro Polo Norte, mas que um dia hei-de renascer. Por enquanto me deixem sofrer as irresponsabilidades dessa guerra. Arre!

Com o abraço fiel do

M —

S. Paulo, 21-III-42

Newton querido sempre,

homem, afinal das contas você ainda existe! E os outros! Andava mesmo desde vários anos planejando editar um livro por minha conta pra poder distribuir à larga com amigos e companheiros. Só por isso que me veio na telha, o projeto das *Poesias*, que acabei realizando mesmo, com um furo de cinco contos no edifício do ser. Mas também me desmillingui de amor, mandando as *Poesias* pra toda a gente. Contava encher o furo ficado, com carinhos de cartinhas gentis. Pois, amigo, o furo aqui está, vazou como Buda. Si vieram umas quinze cartas com abraço dentro foi o mais.

O que estará se passando nesta derrocada final! Em vez de brigarem, matar, xingar, sofrer humanitadamente: cada um desses melecas foi ficar por detrás da sua janelinha caseira bordar sua almofada de bilros de dorzinhos pessoais, espiando no apartamento defronte as Marílias possíveis. Que imoralidade mãe, puxa vida!

E o pior é que é isso só, repare. Neste momento, agora justamente é que bateu um individualismo total nesses literatos, músicos, pintores, estudantes: cada qual só pensa em si, na sua Dor e todas as frases principiavam por "Eu etc.". É fantástico. Nem culhão pra sair na rua, nem decência pra conversar quaisquer das forças morais eternas, amor, amizade, nada. "Eu estou sofrendo". Sofrendo o quê? nem sabem porque saber implica atitude, implica ação, implica dever. Melecas e melecas!

Tenho, sim, tenho trabalhado muito. Ah, queria você junto de mim pra lhe contar tudo, a crise brutal por que passei, tudo o que houve nela de pau pra burro, bebedeiras pasmosas, escândalos, uma "fama" terrível ficada, a fuga pra uma fazenda, vinte dias de insônia pesadíssima, a revolta conclusiva e enérgica como o diabo e... a Regeneração, quinto ato de drama popular em que todos os operários, costureirinhas, manicuras, datilógrafas ficaram muito satisfeitas e foram dormir chelos de sexo.

Voltei pra São Paulo e tenho andado direitinho. Trabalho muito, mas como tenho seis horas de trabalho no Serviço do Patrimônio, o resto, o trabalho pra mim rende pouco. Retomei um romance mas não aguentei o tranco, parei de novo. Mas é que vai chegando o fim do mês e vejo que não escrevi os artigos suficientes pra equilibrar o orçamento mensal, fico inquieto, sou obrigado a me estragar em artigos que não gosto, romance para (*) afinal acabou não recomeçando mais. Mas não perdi a esperança. Já organizei um livro de crônicas quase que por completo reescritas. Quero ver si publico ele ainda este ano. Mas não há editor e ainda não sei si tomo um rombo novo no edifício do ser, talvez não valha a pena. Devia já ter principiado os estudos preparatórios mas apenas tomei umas notinhas, pra um curso sobre a História da Poesia Brasileira que aceitei fazer o ano que vem na Faculdade de Sociologia e Política daqui. É coisa difícilma, quase tudo pesquisas originais! Mas que-dê tempo, meu Deus! que-dê tempo! Agora, por exemplo, estou todinho entregue a uma conferência que aceitei fazer no Rio, na Casa do Estudante, sobre o Movimento Modernista de 22, vinte anos passados. Aliás é pretexto pra dizer umas coisas meio brabi-

(*) Cortado a tesoura pela Censura.

nhas, tou com certo receio do que vai suceder. Principalmente si tiver pessoas "oficiais" na conferência. Enfim será o que Deus quiser. Si publicarem a conferência lhe mandarei.

"Argentina Libre" não recebi mais. Não sei si é a censura daqui que não me faz chegar a revista nas mãos ou si suspenderam aí a remessa como efeito das traquinagens morais do doidivanas Jorge Amado. Bom, são coisas e não vale a pena a gente se amolar. Não recebi a tradução de "La Expresión Musical etc." que você diz ter vindo pelo mesmo correio desta sua carta. Mas provavelmente receberei os dez exemplares via marítima, si ainda houver navios e ainda houver submarinos, bananas pros submarinos.

E é só. Lembranças ao Soto (3) e à Lídia. E abraçe
acochado este amigo verdadeiro

(M-e traço)

São Paulo, 28-IV-42

Meu Newton

Estou com o pé no estribo do avião (será estribo?) voando amanhã pro Rio, onde vou fazer uma conferência sobre o Movimento Modernista. (Fazem vinte anos da semana de Arte Moderna...). O trabalho vai ser editado pela Casa do Estudante do Brasil e, naturalmente, você com Lídia terão seu exemplar. Só lhe peço, pra desilusão não ser maior, não fazer nenhuma idéia do que vai ser isso. Não fiz nenhum estudo crítico do movimento, nenhuma análise. Recordei coisas e dessas coisas com os meus sentimentos de agora, saíram conclusões que nem eu mesmo esperava e umas conclusões bastante cruéis.

Ora, Newton, ando sofrendo muito. Não é nem "sofrendo", ando é muito desnor-teado, muito desequilibrado. Mas já tenho me queixado disso pra tanta gente que até tenho vergonha de repetir. Mas meu estado é tal que nem sei como obedeça ao seu mando de escrever um artigo pra uma revista gênero *Sombra!* Até me rio de escrever pra quem se chama *Saber Vivir*, (*) eu, que perdi qualquer ciência de viver... Mas sobre que assunto, Newton! Sobre arte tradicional, ou sobre arte moderna, com fotografias serve? Si servir, avise. Dá tempo, porque estes próximos 20 dias não poderei fazer mesmo nada. Imagine que tenho um capítulo sobre Arte Inglesa, pra um livro sobre a Inglaterra, que tem de sair urgente na Améric-Edit. E não pude recusar porque decerto essa editora vai aceitar um livro meu de ensaios literários. Terrei de falar de música, artes plásticas e cinema, tudo junto, em 32 págs. datilografadas espaço um! E inda nem imaginei na coisa!

Não recebi a cópia do artigo de Lídia e fiquei desesperado de curiosidade e prazer. Você bem sabe como admiro Lídia, senti foi não conversar mais com ela quando ela passou por aqui. Não se esqueça de mandar, cortado (o Jornal todo é perigoso, creio que há censura) o artigo dentro de carta registrada. Faço questão de ter isso comigo.

(3) Luis Emilio Soto. Escritor e crítico argentino. Pertencente a uma geração anterior à minha; participou ativamente no movimento modernista argentino, que se desenvolvia paralelamente ao de São Paulo. Amigo de Mário de Andrade, retomou, por seu intermédio, contato com o Brasil. Por sua atitude anti-peronista foi perseguido durante a ditadura de Perón.

(*) Revista literária, ilustrada, de grande difusão em Buenos Aires.

Quanto a você, falando ou não falando sobre mim nos seus artigos, é mesmo sempre aquela lembrança querida, aquele prazer gratuito do coração essa escolha admirável que, por mais analisadas e reconhecidas as razões de aproximação, de fato a gente não sabe porque vem.

Sempre me persegue uma pergunta de uma amiga francesa minha, me escrevendo pouco antes da derrocada da França. Ela me perguntava e não sabia se decidir por quais valores humanos que conviria salvar nesta morte de civilização. Respondi agrestemente insensível que nem os homens, nem os nomes dos grandes homens, nem a ciência (ciência se refaz), mas talvez apenas algumas obras-de-arte, uns livros, uns quadros, umas estátuas. Também a culpa era de minha amiga (.....) pensanteadora incorrigível, excessivamente curiosa de mim.

Mas como foi que me esqueci assim dos sentimentos dos homens! Hoje nem sei... O amor? Esse subsistirá sempre, de uma ou de outra forma machucado nas esquinas da vida. Mas a amizade tenho medo que ela desapareça da terra, habilmente escamoteada e substituída por avatares totalitaristas. Tenho medo que a amizade ponha qualquer máscara interesseira e mentirosa... Talvez seja um dos valores morais dignos de salvação nesta esquina de mundo... Mas vejo em geral os amigos tão insensíveis ao que há de mais legítimo, de mais perfeito e real no sentimento da amizade, isto é, a sua quotidianidade.

Que bobagem falar que é nas grandes ocasiões que se conhece os amigos! Nas grandes ocasiões é que não faltam amigos. Principalmente neste Brasil de coração mole e escorrendo. E a compaixão, a piedade, a pena se confundem com amizade. Por isso tenho horror das grandes ocasiões. Prefiro as quarta-feiras. E neste quarta-feiraismo da vida você tem aqui seu lugar certo, acredite. Quando que você dá uma fugida por aqui?

Lembrança pra Lídia e ainda agradecerel pessoalmente
a ela a chateação que lhe dei de escrever sobre mim.
E este seu abraço grande de
(M e traço)

S. Paulo 1-VI-42

Newton, amigo velho.

estou escrevendo naquela depressidão danada, só pra botar nossas coisas em dia. Caso de *Planalto* já falei com o Wilson Lousada que me garantiu estar dando pra vocês receberem o que lhes ficaram devendo. Mas está tudo no ar, completamente.

Caso colaboração *Manhã* isso é impossível por meu intermédio. Cassiano (*) e eu somos polos opostos.

Caso Clement Moreau (4) seria preferível você, antes, sem compromisso com ele, mandar algumas fotos de quadros dele. Você sabe bem: eu não me dou com nenhum grãfino nem ricaço pra garantir compra de quadro. E a coisa aqui está cada vez pior, como mercado. Toda a gente fechada em copas, guardando cobres. Vou falar com Sérgio que não vejo faz um mês e com o Sindicato de Artistas Plásticos.

(.....) Uma palavra ininteligível.

(*) Cassiano Ricardo.

(4) Clement Moreau. Desenhista e gravador sulço-alemão. Ilustrador de talento, seguia a tendência expressionista. Entre suas obras mais importantes, conta-se a ilustração de "Jean Christophe", de Romain Rolland, em edição alemã.

"Macunaíma" segue pelo correio de hoje. Os dois livros do Martins (**) já falei com ele e já devem ter seguido.

Recebi a aérea com recortes e o artigo da Lídia. Vai aqui um abraço comovido a ela por tudo, acuidade de julgamentos, generosidade de conclusões, importância do artigo e do lugar onde saiu — um abraço muito amigo.

E agora ciao, companheiro, que estou por aqui de trabalho. Logo estará impressa a conferência sobre "Modernismo" que lhe mandarei. Já estou corrigindo provas.

Lembranças ao Soto. Pra você com Lídia,
toda a minha amizade

(M-traço)

S. Paulo, 3-VII-42

Newton velho de guerra,

tem momentos que chego quase a ficar desesperado de tudo quanto o tempo não dá pra fazer. Me sobe uma angústia que para na garganta e não posso mais respirar.

Bom, mas vamos justar nossas contas primeiro. Me lembro de uma carta em que você me dizia ser eu um dos únicos amigos brasileiros que respondiam as cartas de você. Está certo, mas por favor, companheiro, não me arranje mais prebendas portenhas que não aguento (5). Pra você com Lídia respondo até debaixo d'água e o que quiserem de mim é só falar. (Por sinal que Planalto nada. Nem o novo Planalto, revista de turismo. Talvez domingo, 5, vá encontrar o Menotti (*), falarei no seu caso. Creio que ele vai dirigir um jornal aqui em São Paulo. Lembrarei vocês dois a ele). Mas quero, Newton, que você compreenda bem a minha situação "social" aqui no Brasil. Eu não tenho a menor importância nem influência que não seja de ordem, não sei se diga estética, crítica, intelectual. Exemplo típico é o meu "amigo" sr. ministro Capanema que tem me feito trabalhar à beça pra ele, já tantas vezes se aconselhou comigo, etc. Pois, Newton, até hoje só fiz dois pedidos a ele, um dos quais tratava apenas de fazer justiça num caso do Ministério. Pois saiba que nem sequer me respondeu! Aliás você me viu vivendo no Rio. Basta o sujeito ter importância vital, política ou financeira, pra eu não me dar com ele. Uma idiosincrasia verdadeira. No caso do tal pintor suíço ainda me aconselhei com o Sérgio e falei com os artistas que conheço, do Sindicato de Artistas Plásticos. Não há nada a fazer. Quanto aos bailarinos, nem sonhe com qualquer interferência minha! Falar com quem! Você deve saber minha situação quanto ao Dep. de Cultura. E outra entidade não há que aceitasse a coisa. Cultura Artística é "não" redondo, e aliás não posso pedir. A Cultura é uma espécie de ditadura: D. Ester Mesquita. E, fazendo muitas vezes crítica, preciso guardar minha independência total.

Não me peça, companheiro, coisas desse gênero, não posso, nada posso e fico angustiado, fico amargo de não poder servir você.

Aqui lhe mando junto meu artigo e fotos pra Saber Vivir. Mando a você porque não sei se é bem esse gênero de artigo que cabe na revista. Gênero "Sombra" disse você, e procurei fazer coisa mais leve, sem grande esmolecimento técnico, é isso mesmo que cabe? Se não for rasgue o artigo, certo que me confio inteiramente em você. Não me deixe fazer feio, por favor.

(**) O Editor José Martins.

(5) Somente muitos anos mais tarde pude compreender as preocupações que eu dava ao Mário, com meus pedidos, apresentações de fotógrafos, bailarinos, escritores ou simples declamadores.

(*) Menotti del Pichia.

Recebi uma carta e seis voluminhos da Colección Buen Aire, que é uma delícia. Mas fique numa trapalhada mãe porque não sei a quem responder. O envelope da carta traz um nome Enrique Gil (6). O papel de carta tem outro nome impresso Luis M. Baudizzone (7). Mas o texto vem assinado de maneira absolutamente ilegível, e que pelo aspecto não corresponde a nenhum dos dois nomes impressos! A quem responder? Mande me dizer quem me escreveu, pois a pessoa diz que mandou tudo por interferência de você.

Mas vou mostrar os livrinhos na Livraria Jaraguá e Martins, únicas que conheço em boa camaradagem, pra ver si querem mandar buscar a coleção pra vender aqui. Pretendo também escrever um artigo, mas não sei quando nem mesmo garanto, por agora lhe mando o último artigo (único em três meses!) que escrevi pra você imaginar bem meu estado de espírito. E você não imagina o que me custou escrever a levianice pra Saber Vivir. Me forço, mais sai mesmo porcaria. Não sei mais escrever, não tenho assunto, com o espírito, a esperança, o desejo todo voltado pra Sebastopol.

E agora a minha situação vai mudar muito, mas penso que, si não é pra melhor, pelo menos me salva um pouco. Fui reintegrado, na terça passada, na minha cátedra de Hist. da Música, do Conservatório. Fui afastado dela por interpretação errada do decreto federal sobre acumulações. Isso pelo menos me salva de escrever artigos, pois estes eram pra ganhar uns cobres, e agora o Conservatório substitui isso. Eu sei que vai ser muito penoso pra mim, lecionar agora ao nível baixo do Conservatório, mas antes isso a esta indecisão martirizante em que meu espírito vive agora. Mil vezes isso!

Buenos, amigo velho, me despido de ti. Lembrança sempre grata pra Lídia e a você o abraço verdadeiro do
(M. traço)

(Acabo de receber uma carta ótima do Luis Emilio Soto. Tive um prazer enorme de reatar relações com esse velho amigo. Graças sempre a você. Logo escreverei a ele.)

S. Paulo, 14-IX-42

Newton querido

faz tempo que te abandonei. "É doença! é doença" como diria o monstro. "Não sou eu! não sou eu!" vos digo. Tenho sim, pensado sempre em você, sua carta aqui do lado. Mas é que estou esperando o Sérgio Milliet que se comprometera a saber porque não saía ou em que pé estava a saída do livro da Lídia na Brasileira. Até isso, arre! eu não podia saber por mim, porque daquela gente aborecida eu só conhecia o Fernando de Azevedo, e ando com uma raiva danada dele por causa de uma safadeza polítiquética que fez com uma amiga minha na Faculdade de Filosofia. Mas o Sérgio é aquele velo das águas. Prometeu dez vezes que ia perguntar e não perguntava. Afinal um dia eu descobri inventado que não existe só o Sérgio Milliet neste mundo (hoje estou com um ódio horrendo dele, que acaba de escrever um artigo elogiando a "Marcha para o Oeste" do Cassiano, publicado na Manhã, do Rio...) descobri que não existia ele só neste mundo e era melhor que não existisse. E enfim, por outro amigo, obtive a resposta do Fernando. Diz-me a coisa está no ar, não adianta nem afirma nada, por causa da crise do papel. É a resposta maleva que posso vos dar.

(6) Enrique Gil. Advogado argentino.

(7) Luis M. Baudizzone. Advogado argentino estreitamente ligado ao movimento literário americano. Fundador de diversas casas editoras, especialmente a EMECE, e com o poeta Lorenzo Varela e o pintor Luis Seoane, a Editorial Nova.

E agora sou eu quem peço um favor. Dois favores. Um não existe. É que o Romero Brest acaba de me escrever uma carta reiterando o convite para escrever em "Argentina Libre". Ora você sabe a razão porque não mandei nada: aquela intriga do Jorge Amado. Si conhecer o Brest, conte a ele o caso. Vou escrever a ele mais nada direi do caso, está claro. Talvez colabore agora, mas ando doente e sem ânimo. Aqui pro Brasil deixei totalmente de escrever, mas por outras razões que você pode imaginar. O segundo favor também em parte não existe: o Conselho "Nacional de Educación", d'al, publicou em 1940, dois volumes "Antología Folkl. Argentina para las escuelas primarias" e "Antolog. Folkl. Argent. para las escuelas de adultos". Si você conhecer alguém que mande alguma coisa nesse tal de Conselho, queria saber si podiam me mandar isso a troco de artigo meu aqui na Rev. do Arquivo. Mas faço questão que você não compre os livros. Si não puderem mandar fica por isso mesmo, que esses livros não terão importância decisória pra mim. O... terceiro favor é que vou mandar, por pedido da Maria Rosa Oliver (7), um conto meu ao Luis Emilio Soto, pra "Sur". Direi a ele que se agarre com você com o sentido das frases que o engasgarem. Desengasgue ele, por favor.

E é só por hoje, amigo, ando doente. Fígado, rins, nem sei. Não chamo médico e ando sofrendo. Porque não chamo médico! Só sei que não chamo, que ando sofrendo, que ando desanimado, que ando incapaz, que queria estourar com esse mundo. Lembranças pra Lídia e me escreva sempre, por favor.

Com o abraço fiel
(M, e traço)

S. Paulo, 17-X-42

Newton

Não tenho o que lhe escrever, sua carta não tem o que exige resposta, mas vou escrevendo. O tal de conto que era pro Soto com você traduzirem pra *Sur* afinal acabei não mandando até agora. Porque! Sabei-me lá! Moleza, vontade de não fazer nada, ou certas coisas, a Argentina me dói na alma neste momento, de-certo isto. Setembro andei doente, fígado? Rins? num xi xabe e um dia, de curiosidade, tomei um porre mãe, outro no dia seguinte e sarei. Já outubro me chegou fecundíssimo e tenho feito coisas que nem se conta. Coisas aliás que ainda me darão trabalho pelo resto do mês. Mas vejo chegar novembro com muita inquietação, o que é que vou fazer! Romance? não tenho senvenhice bastante pra andar escrevendo romance nesta hora. Estudos? não tenho paz nenhuma pra pesquisa. Artigo? parei de escrever. Só entendo fazer artigo do momento e pro momento e isso agora é impossível aqui. O ideal será ficar paralisado, louco, leproso. Mas isso só com a ajuda de Deus e Deus não vem mais nessa terra. Si ao menos eu não tivesse casa e comida garantidas... Bom, o que eu queria mesmo era nascer outra vez.

Do que você me manda pelo correio comum ainda não chegou nada, nem "Alôs afrobrasileños", nem os livros do Leopoldo Marechal, (8) mas chegam eu sei, e espero. Quanto ao curso meu aí, por favor, nem pense nisso! Além de que não poderia fazer, no momento por ter recusado coisa parecida nos States, e eu afinal acabei me decidindo a saber que não gosto de viajar. É estranho, fico com medo, me acovardo, muito, dou parabéns pra tudo e acho maravilhas as coisas mais francamente horríveis.

(8) Maria Rosa Oliver. Escritora argentina pouco fecunda mas de grande posição nos meios literários, juntamente com Vitoria Ocampo, da qual era, naquela época, grande amiga. Teve destacada atuação contra o governo de Perón, inclinou-se mais tarde, politicamente, para a esquerda, e se tornou elemento de importância dos grupos comunistas argentinos.

Depois dentro comigo fico com uma bruta raiva de mim, dos outros e de tudo. Eu sei que gostava tanto de abraçar você, conversar um bocado com Lídia que conheço tão pouco, rever o Soto cujo espírito domina tanto o meu, mas já disse uma vez que tenho alma de escravo e tenho mesmo. E a máxima parte do meu barulhismo intelectual deve porvir disso, minha franqueza jamais equilibrada, minha grosseria impressa, meu aventureirismo falso. Meu Deus, o que sou eu! Mas como eu gostava que alguém tivesse opinião por mim e decidisse, decidisse não, mandasse pra eu obedecer. Num mundo melhor... Nasci pra ser santo do céu... Ou pelo menos, vela de altar adorante. As vezes (bato na boca) até chego a pensar que isso é uma superação...

Acabou o assunto. Hoje estou ruinsinho, farra difícil, exquisita a de ontem, depois do "black-out". Houve um caso impressionante no "black-out" de ontem: um soldadinho novo da polícia que se tomou de pavor no bairro rural, prendeu gente sem precisão que foi logo solta na delegacia, mas o soldadinho, desarmado pela exaltação em que estava, se armou duma metralhadora, foi na casa dos ex-presos, metralhou a casa, feriu várias pessoas e se matou em seguida. Fiquei maltratado, lendo isso, com pena de tudo, com uma pena enorme da vida e até de mim. Ando místico (mistificado), perseguido pela noção do pecado original que, como você sabe, é pré-cristã e universal. Pressinto que tem um desequilíbrio qualquer, anterior a nós, superior ou inferior a nós, barrando a entrada de um equilíbrio qualquer. As vezes me assombra esta capacidade humana de uma inteligência lógica numa terra, este "globo terráqueo" exclusivamente irracional. Ai tenho até raiva da cidade das abelhas, que grandíssimas idiotas! Vivam os tamanduás! Vivam tamanduás, meu velho Newton.

(M e traço)

S. Paulo, 9-XII-42

Newton de verdade

Desta vez é chateação, mas da miúda. Também si do primeiro caso, por qualquer motivo de delicadeza ou outro, você não quiser fazer nada, até lhe fico agradecido que a coisa é chatíssima. Vamos portanto ao segundo caso que é mais ravoável. Recebi da Editorial Losada, estou vendo a mão de você nisso, um convite pra escrever um livro sobre Portinari, daquelas monografias pequenas mas ótimas que essa casa faz. Mas estava doente, de cama, e não sei si a criada varreu a carta ou algum vento. Sei que quando campeel ela pra responder, não houve melos de achar. Bem, assim mesmo escrevi ao Guillermo de Torre (9), da Editorial, a carta que copio pra você se inteirar, ida por avião, mas de que até agora não recebi resposta. "Caro amigo Guillermo de Torre. Não lhe respondi imediatamente a sua carta me convidando para escrever para essa Editorial um estudo sobre o pintor Cândido Portinari, porque estive bastante doente por todo este tempo, e de cama.

Por desgraça, agora que procuro a sua carta entre a correspondência jogada por mais de vinte dias sobre a minha mesa de trabalho, não há melos de a achar! Naturalmente a criada, com os seus hábitos iconoclastas de limpeza, fez com que a carta se perdesse. Porém este não é um mal irremediável. Peço a você que, para meu governo, repita na carta próxima os termos todos da sua proposta anterior.

Aceito com muito prazer escrever o estudo proposto. Cândido Portinari é uma das minhas grandes admirações nacionais e me é sempre grato escrever sobre ele.

(9) Leopoldo Marechal. Poeta argentino.

Si não me engano, a proposta que você me fazia era para um estudo de umas oito mil palavras mais ou menos, com trinta e duas reproduções fotográficas e uma tricromia. Desejava mais os seguintes esclarecimentos:

1 — data de entrega de meus originais em português, para serem traduzidos aí para o espanhol (posso entregar o estudo num máximo de dois meses após recebimento de sua resposta a esta carta).

2 — Si fico com a propriedade do meu trabalho, menos para a língua espanhola, que será propriedade da Editorial Losada S.A.

3 — Como será feita a reprodução a cores: si aí em Buenos Aires e de que maneira.

4 — Si para as 32 reproduções fotográficas, poderei enviar além de quadros (fotografias está claro), fotografias de alguns desenhos e gravuras de artistas.

Saudações etc. Mas puxa, como eu ainda estava burro da doença. (Esperemos que só da doença) Mas você viu que redação a da última frase!

Bem: minha aspiração é você telefonar ao Guillermo de Torre e perguntar si ele recebeu minha carta. Si não, lhe mandar cópia do que aqui vai.

Quanto ao primeiro e mais desagradável caso, só falo nele, porque pode ter ficado assim por algum extravio do correio. É que recebi a revista "Saber Vivir" com o meu artigo sobre Portinari. Ora pela carta da sra. Carmen Valdes (10), se me prometia (aguenta esta redação chiquíssima, para contrabalançar) "treinta pesos moneda nacional" que não chegarem, e isso faz já pra mais de dois meses que a revista chegou. O caso é delicado por demais, e positivamente muito prefiro que o artigo tenha saído a receber os pesados pesos, que isso é uma noite só de "adiós mls farras" e não tem a menor importância no mar oceano com submarino. Si quiser dar mais tempo, conforme algum sistema de pagamento d'aí que eu ignoro: dê. Si não quiser falar: não fale. Que é melhor. Engraçado, fui escrevendo, raciocinando, e ficando cada vez mais arrependido de ter lhe falado sobre. Não rasgo a carta porque seria apenas não acreditar que você possa ser tão sincero e natural comigo, ao ponto de me mandar naquela parte. Ah, mas me esqueci do raciocínio que é o único a justificar a sondagem: o de terem mandado os cobres e a carta não ter chegado. É o único, palavra, que pra mim tem maior interesse, pois é o cúmulo não ter acusado recebimento.

Estou com ar de outono. Ar cá por dentro, se entende, que no resto é aquela primavera resplendente. Quis dizer que ando produzindo muito e isto deve ser um pouco também influência de não escrever artigos mais. Tou com três livros no prelo, dois ensaios, e um de crônicas levianas. E o meu pintor do séc. XVIII, agora estou avançando no estudo da obra dele. Fico todo dia com a cabeça deste tamanho de tanto examinar fotografias, mas me fareja que a coisa está saindo bem. Carta acabou e também acabou. Um carinho grande pra vocês dois, de

(M e traço)

(10) Guillermo de Torre. Escritor e crítico espanhol radicado na Argentina. Fundador e assessor literário da Editorial Losada. Casado com a pintora argentina Nora Borges, irmã de Jorge Luis Borges.

S. Paulo, 31-1-43

Meu caro Newton,

Não quero que se acabe o mês sem lhe escrever, parece que ando um pouco atrasado. Mas não é verdade que eu esteja atrasado não, a culpa quase que eu posso dizer que é de você. Recebi o seu livro, "com prazer e alegria" como diz o nosso verso popular, e fui logo abrindo. Mas dei com a dedicatória e fiquei numa comoção danada, palavra. Não estava preparado pra, de maneira que além da torcida natural de amigo, fui ler o livro, li, na verdade devorei mas não li, era aquela torcida orgulhosa achava tudo bem por demais, não porque era, mas porque eu queria que fosse, uma coisa sem regularidade que acabou me enquisitando. Mas acredite que a sua dedicatória me tocou profundamente. Aqui lhe mando o abraço mais afetuoso e mais desimpedido, da mais terna camaradagem e confiança.

Bem, mas então, resolvi que passassem uns dias e arre que dias passaram! ruínas de todo, pra então reler de novo e lhe escrever esta carta. Enfim anteontem, mais repostado em mim, embora não libertado ainda inteiramente dos sofrimentos que me tomaram desde o dia dez mais ou menos, retomei os Ensayos Americanos cuja leitura e verdadeira só acabei no domingo que é hoje. E agora, são vinte e quatro horas exatamente, depois de um ótimo jantar, lhe escrevo.

Não basta lhe dizer que este é o melhor dos livros de você que conheço, lhe garanto que sem o mínimo favor acho ele americanamente excelente. Nem sempre são exatamente "ensaios" mais isto não tem a menor importância, e sou eu a afirmar que "conto é tudo aquilo que o seu autor chama de conto". E não me amolem. Antes de mais nada, me deixe lhe dizer uma coisa que pra muitos não têm muita importância, mas é porque eles não estão em condições de dar importância a isso: você está escrevendo mas muito bem. Em certos momentos cheguei a sentir que o livro fosse escrito-traduzido em castelhano. Ora eu afirmo que isso de escrever bem, que não se pode confundir com escrever gramaticamente, escrever "limpo", tem a maior importância. Você escreveu todo o seu livro com uma clareza, mais: com clareza admirável. Você tem uma espécie de pensamento "afetivo" que é de grande qualidade; basta ver páginas como o princípio de "José de la Quadra" (11) ou todo o ensaio sobre Giusti (12), principalmente o delicioso final. Mas si páginas assim o que se pode chamar de deliciosamente bem escritas, o fato de você escrever bem, com estilo, firmeza, direção, energia, clareza, se valorizam ainda mais em estudos como o sobre Lima Barreto e o difícil "El Paraguay Eterno" (13), de uma justeza este último, de uma dificuldade de delicadeza pra ser tratado por um brasileiro, e que você venceu com perfeição. Você desentrançou o seu assunto com uma altivez nacional e com uma independência, exigente de justiça, mas sem o menor toque de subserviência, que me escarrapachei todo de gozo. Quanto ao Lima Barreto, assim como o Eduardo Mallea (14) e o Luis Alberto Sanchez (15), são das coisas mais refinadas, mais originais do seu livro. Aliás você tende mesmo pro ensaio e mesmo nas suas críticas de livros, são freqüentes as fugidas pro gênero ensaístico e o desejo de se converter às idéias gerais. No entanto sem perder nunca a objetividade do livro. Quanto ao

(11) Carmen Valdes, Secretaria da revista "Saber Vivir".

(12) José de la Quadra. Escritor equatoriano que integrou o chamado grupo de Guayaquil. Seu romance "Sangurimas" celebrou-o em toda a América.

(13) Roberto Giusti. Ensaísta argentino, de tendência socialista.

(14) "El Paraguay Eterno", ensaio de interpretação histórica do escritor paraguaio J. Natalicio Gonzalez, posteriormente Presidente do Paraguay e atualmente Embaixador no México.

(15) Eduardo Mallea. Romancista argentino. Escritor de grande prestígio literário. Autor de uma dezena de romances, muitos dos quais traduzidos em vários idiomas. Naquela ocasião dirigia o Suplemento Literário de *La Nación*. Mais tarde representou, durante muitos anos, seu país junto à Unesco.

Hudson (16), você salientou muito bem o aspeto essencial dele, e gostaria que você salientasse nele a tendência pra contemplação pura, de tipo ensaístico justamente, tão bem fixadas em duas das mais admiráveis páginas dele, a sobre olhos, que você não se esqueceu de citar e a outra sobre cantos de passarinhos. Você sabe que foi esta que me levou a estudos vastos sobre zootomia brasileira! E o culpado é Hudson. Francamente, de seu livro só não concordo totalmente (no que eu conheço) é com a sua opinião sobre Gregório de Matos. Pra mim ele continua essencialmente o satírico, e na sátira está o seu valor literário e a sua significação psicológica. E por vezes, como no José de la Quadra, se sente não sei si é verdade, que você está se esforçando por gostar, ou pelo menos, por salientar valores menores. Mas como não conheço certos autores de que você tratou, fico apenas no sentimento. E a verdade, sem amizade nem comoção mais, é que você escreveu um livro interessantíssimo, cheio de vistas originais, boa escolha de assuntos, e admiravelmente bem expostos. Mais outro abraço por tudo isto. A pág. val acabar. Eu doentezinho. Nevralgias, dor-de-cabeça danada que faz 20 dias não passa e ninguém descobre donde vem. Passaram por aqui o Frontini (17) e o Reissig, creio que não podem se queixar do acolhimento. O Reissig (18) insiste pra que eu vá fazer um curso aí, mas não irei não, não é meu gênero, fico inquieto, sofro, não sei viajar por terra estranha, e preciso trabalhar pra mim. Não tenho interesse mais em conhecer Buenos Aires, como nem conhecer Londres ou Estalingrado gênero viagem: me acabei. O Frontini é uma delícia argentina e fizemos boa camaradagem. Lidia quando vem? Vivo numa angústia danada, contra tudo e todos aqui, desgostoso, revoltado, indicado. Desde malo que não escrevo mais publicamente, é fácil você imaginar a razão. Mas si não escrevo em jornal, tenho três livros no prelo, de coisas antigas. E acabei o Café, tinha tanta vontade que você visse! O melhor abraço

(M e traço a tinta)

Em manuscrito à margem esquerda do papel: Estou acordando neste 1 de fevereiro. Resolvi de repente ir descansar uns quinze dias numa fazenda de amigos, parto amanhã. É questão desta dor-de-cabeça que não sai. Torça por mim, me'rmão. M.

S. Paulo, 9-IV-43

Meu querido Newton,

aprovelta hoje que amanheci mais bem disposto, pra conversar um bocado comigo, que amanhã já não sei o que será. Bateu a rígida nortada das "Pombas" de Raimundo, nesta sua casa, uma rígida nortada de doenças, doencinhas, doencões, mistérios e médicos boquiarbertos, que ontem dei pra rir. Mas ri que foi o dia intelrinho, com a cabeça estalando de dores, fígado lá longe berrando num som redondo de trompa sem parada, e os intestinos arquidoloridíssimos de uns restos finais de qualquer coisa muito parecida com desinteria mas que não era desinteria. Esta foi a última nortada rígida que a má sorte me deitou. E seis dias de cama e miséria tamanha, que nem reconheço o meu corpo mais. Virei cadáver de teatro, magro, pálido, verde, cumprido que não acabo mais. De repente, achei que era tanta coisa que dei pra rir, ontem. Ri meia hora comigo, depois ri com o médico, ri com o farmacêutico da injeção, fiz

(16) Luís Alberto Sanches — Político aprista peruano que viveu durante muitos anos, exilado, no Chile. Ensaísta consagrado.

(17) W. H. Hudson. Escritor do século XIX, de origem norte-americana, nascido na Argentina. Escreveu todos os seus livros em língua inglesa, os quais foram mais tarde traduzidos ao castelano. Ele foi, com Ricardo Güiraldes e J. Hernandez, o maior cantor dos pampas.

(18) Frontini. Advogado argentino, amigo dos escritores e artistas exilados na Argentina, realizando um mecenato inteligente e cordial.

grandes projetos pra mandar plantar batatas a vida desta minha existência. Não sei se foi o riso mas amanheci milhorzinho logo a esteada pra lhe pedir um favor.

Creio que já mandei lhe contar que esta coisa me pegou desde janeiro. Si não contei fica contado: desde janeiro que uma dor-de-cabeça (principalmente) formidável e de origem desconhecida me pegou. Tive que abandonar todo e qualquer trabalho e até agora estou nisto, vivendo mais na cama que de-pé. A única coisa que tenho feito nestes três meses, é de vez em quando, numa esteada como a de hoje, escrever algumas cartas. No resto apenas dar lições no Conservatório, coisa tão primária que não me fatiga. E é absolutamente só. Com isto, pois si até os meus trabalhos pro Serviço do Patrimônio abandonei, a monografia sobre Portinari ainda não foi escrita e não posso garantir nada quando o será. O que eu queria é que você comunicasse isto pessoalmente ao Guillermo de Torre, porque V. que é meu amigo sabe que não estou mentindo nem querendo fugir com o corpo à combinação. Não sei, mas estou com muita esperança agora de melhorar, é coisa que me bateu no instinto. Por todo maio verêi como param as coisas e si de-fato a saúde está voltando. Si estiver, até julho ou mais tardar, enviarei o escrito à Editorial Losada. Mas si vir que não há esperanças de melhoras legítimas que me permitam escrever, desistirei do convite. Palavra que estou, ficarei muito triste si tiver que desistir, Newton, mas não poderei fazer outra coisa si continuar no estado em que venho vivendo. Que é de miséria biológica total, só chamando assim: corpo bastante doente, espírito que não quer reagir.

Lidia ainda não apareceu por aqui, deve estar ainda no Rio. Tenho medo, às vezes, que encham os ouvidos dela contra mim e ela desista de me ver, o que seria uma pena enorme e eu sentiria muito, palavra de honra. Não estou sofrendo de nenhuma fobia de perseguição agora, mas sei que ronca por aí, em certos meios do Rio, uma raiva ainda surda por enquanto contra mim, por causa da minha continuada recusa a participar de gestos que não me parecem totalmente justos. Basta dizer que um velho amigo meu querido, agora procura todos os pretextos pra se irritar comigo, pra imaginar que me pega em atos errados e me escrever (mas muito de longe em longe agora) cartas de censura e quase ofensa. A última era de tal forma injusta, fingia de tal forma ignorar a minha doença e crise, que nem pude responder, me calei. Não é a fraqueza extrema em que eu estou que me faz pensar assim não: se trata de uma verdade que vinha se delineando desde muito, desde mais de ano e é verdade. Mas vamos pensar com maior alegria, seu Newton. Está fazendo um abril sublime por aqui, manhãs prodigiosamente vivas, tardes milagrosamente mansas e grandiosas. Mas desta vez não estou podendo gozar o mês melhor da minha terra. Enfim ainda estamos a 9 e quem sabe o que vem amanhã! Depois-de-amanhã é mais provável.

Com o abraço fraterno do
(M e traço)

(Escrito a mão e a lápis azul: "não releio").

São Paulo, 17-VI-43

Meu querido Newton,

Guardei este pedacinho de manhã, entre exames, pra lhe escrever, mas amanheci passando bem mal, abatido, com umas dores-de-cabeça estranhas. E aliás uma segunda etapa, a caminho da cura, eu imagino. Não é bem mais a cabeça que dói, mas existe assim como si fosse uma presença irreal, latente, da dor. Ela fica como que por detrás de. E eu fico num modo horrível, tenho a impressão de que, si fizer qualquer coisa, ela aparece implacável, daquele jeito de me paralisar, como fazia dantes. Ainda

na semana passada tive uma tão horrível que fui ao médico e disse: Me tire esta dor-de-cabeça si não me atiro por esta janela. Ele, não sei o que fez, não quer me dizer, me arranjou uma coisa pra tomar, me obrigou a meia-hora de imobilidade na entre-sombra e a dor passou. Passou não, ficou assim atrás de.

Você bem deve imaginar quanto tenho pensado em você nestes dias. Mas como certamente não se pode comentar revoluções nem nada, apenas quero que você diga logo como que está passando de saúde, é o que me interessa d'aí. Eu por mim estou em franco caminho da cura. O fígado resolveu voltar à atividade normal, só ainda não posso trabalhar muito com a cabeça, tudo me fatiga e a dor volta. Mas já volta mais episodicamente. Agora parto pra uma fazenda, vinte dias de descanso absoluto, quer o médico, nem jornal devo ler, veja si é possível com essa Europa. Bem, não lerei, escutarei no rádio.

Estou envergonhado é com o de Torre e a Editorial Losada. Tenho já muitas notas para a monografia Portinari, e todas as fotos já determinadas de combinação com ele. Creio que foram bem escolhidas. Só me desagrada botar o meu retrato, fica valdoso. Mas o Portinari faz questão, porque considera a melhor obra dele como retrato. E cá pra nós, eu também. Dia 15 de julho, estarei de volta na certa em vinte dias a monografia estará pronta. Até fins de agosto tudo estará em Buenos Aires. Você quer me fazer o favor de avisar isto ao Guilherme de Torre e perguntar si ainda vai com tempo.

Faz muito que você não me escreve e está me devendo carta, o que sucede? Mande contar da sua vida, pra me aquietar. Não estive com Lídia, que não veio a São Paulo até agora, nem sei si ainda estará no Brasil. Passei cinco dias no Rio, por causa de negócios, telefonel uma vez pro telefone que me deram dela mas ela não estava. Depois foi impossível mais, nem negócios tratel por causa da doença. Passei pessimamente e quase todo o tempo de cama. Cheguei a fazer uma loucura de tomar um vidro inteiro de remédio pra fígado duma vez. Já lhe mandei faz pouco dias o meu "Balle das 4 Artes", acuse recebimento assim que chegar. E é só por hoje, estou com medo de escrever mais. E allás não tenho o que lhe dizer minhas cartas agora é doença, doença, parece que vivo pagando a doença. Mas de fato ela me irrita muito, não sei ficar doente (*) de doença como sempre tive, ou gripe inócua, ou logo coisa que bota a gente na porta da morte por vinte dias e se acaba. Isso de fazer croché com fígado e dor-de-cabeça nunca tive e me desencaminhou por completo. E vivo só. A não ser prá lições sem trabalho no Conservatório, quase não saio. De-noite fico em casa e como não posso estudar, no geral cama. Mas a carta próxima não falará de doença mais, lhe garanto. Bem, meu Newton, aqui o melhor dos abraços e a saudade de

(M e traço em lápis vermelho)

S. Paulo, 14-X-943

Meu querido Newton Freitas

Faz bastante tempo já que não escrevo, você me perdoe. É tudo sempre questão de doença, doença... Esta carta mesma eu estou ditando pois que agora com novas complicações que me apareceram, bem desagradáveis e dolorosas, estou condenado pelo médico a ficar imóvel e deitado numa cama. No princípio do mês passado estive no Rio e falei finalmente com Lídia. Jantamos juntos, que foi muito agradável, embora eu preferisse jantar só com ela e conversarmos mais livremente sobre nossas vidas.

(*) Cortado pela censura. A censura no Brasil, naqueles tempos, era exercida por senhoras e senhoritas da sociedade. Possivelmente elas censuravam também "nomes feios".

Depois ela ficou de passar uns dias em S. Paulo e nos revermos antes dela voar definitivamente para Buenos Aires, mas creio que os projetos dela mudaram e ela só desceu aqui de passagem. Aliás foi bom, porque eu voltava do Rio um pouco antes do que era minha intenção, acossado pelo fantasma de umas dores-de-cabeça que aumentavam sem parar. Tive medo de uma crise das bravas e vim fugido. E com efeito, cheguei aqui e pouco tenho sabido desde então o que seja viver. Até que enfim fui jogado neste cultivo involuntário da cama e da solidão. Aliás esta "solidão" Deus me perdoe, mas deve ser um bocado de mentira, ou pelo menos exagero de literato vicioso. Fiz agora cinquenta anos e o carinho dos amigos tem me cercado deliciosamente.

No Rio estive com o Zélio Valverde e combinamos que eu lhe entregaria o prefácio para o seu livro durante o mês de novembro. Tenho relido o livro, já tomei algumas notas, e espero fazer alguma coisa digna de você. Se não fizer ponha toda a culpa no desfalecimento de espírito desanimado e imperfeito em que estou vivendo. Quanto ao livro sobre Portinari, aí para o Guilherme de Torre, quando estiver com ele diga a ele que está em vias de organização. Já tomei muitas notas, mas, a bem dizer, ainda não escrevi nada. Mas, ao primeiro retorno da saúde tudo será feito. Minha esperança é poder enviá-lo a você pelo mês de dezembro, se-Deus-quiser.

E não tenho nada mais a lhe dizer. Lembranças a Lídia e vá torcendo por este seu muito amigo.

(M e traço a tinta.)

S. Paulo, 30-XI-943

Newton querido

Homem, eu até preferia mesmo ser o "ingratalhaço" que você me chamou na carta de hoje, decerto era pelo menos mais cômodo. Mas como não sei por quanto tempo a... alma aguentará estar escrevendo, vamos primeiro aos assuntos. A conversa ficará pra si for possível.

Acabo de receber também hoje "Amazonia" de Brandão Amorim, traduzido por você. Mas que coleção linda essa "Mar Dulce", que livros deliciosos! Assim que a alma se normalizar de novo, hei de falar sobre, assim como do "Don Casmurro" e "Coventillo". Tenho, sim, recebido tudo e contentíssimo.

Agora estou é ardendo de curiosidade pra ler a tradução do "Macunaíma". Quanto às ilustrações também estou curiosíssimo porém sossegado. Carybé é um esplêndido desenhista e tudo o que conheço dele me agrada plenamente.

Pode ceder a Shapire (*) o "Música do Brasil" pelos 200 pesos, é um auxílio nesta fase pândega que estou vivendo.

Mas meu problema gravíssimo, que este depende da proteção dum amigo de toda segurança é quanto à monografia sobre o Portinari. Eu precisava, Newton, que me viesse aí da casa que me encomendou isso, uma carta dizendo que tendo eu ultrapassado todas as datas de prazo pra entrega do meu trabalho, a casa desistia da minha colaboração. A realidade no duro é a seguinte: 1.º — eu não poderia fazer esse trabalho tão cedo, devido à saúde e compromissos, a não ser que fizesse um trabalho matado, indigno de todos nós; 2.º — mas pelas circunstâncias de intriga e infâmia da Santa Família artística daqui, assim como pelos laços de amizade que me ligam ao Potrinari, eu não posso desistir pessoalmente de fazer a monografia, era um es-

(*) Editora Shapire.

cândalo danado aqui. Com exceção de uns pouquíssimos, uma Tarsila, um Clóvis Graciano, o nosso melo de pintura é infecto, você não imagina. Seria possível, você arranjar isso com o Guilherme de Torre? Si não conseguir ou não lhe convier, me avise, não fico um nada zangado com isso. Acabarei sempre fazendo a monografia, mas quando!... E a editora não deve nem pode ficar esperando indefinidamente, sem data como me obriga a minha situação de saúde atual.

Porque isto é que é a melancolia, meu Newton: eu não estou à morte, nem creio que agrave; mas estou ensolúvel! Esta carta já vem se escrevendo em dois arrancos e agora para outra vez pra... esperar a volta da alma. É um desânimo, uma falta de forças morais... Pra uma aura de hora e meia de vitalidade eu tenho às vezes uma semana de abatimento, incapaz de fazer nada.

Si fosse lhe contar o que tem sido o meu Seca-em-Meca de doenças, médicos e hipóteses, não acabava mais, e agora preciso acabar esta que o secretário chegou pra datilografar isto, já dia 30! Mas basta que lhe diga que depois de dois meses de cama quase total, quando estava pra ter alta, descobriram provado que eu tinha *a mais* uma úlcera no duodeno! E dia 21 passado reentrei de novo na cama, desta vez num regime de imobilidade e leite que vai durar um mês.

Paro aqui. Queira dizer meu desgosto ao seu coração amigo mas não tenho paciência mais. Vai nascer um ano novo e este incorrigível optimista se sente animado e acredita que vai ser melhor. Um abraço muito afetuoso pra Lídia e pra você todo o meu coração.

(M e traço em tinta vermelha)

S. Paulo, 4-II-44

Newton querido,

tou chelo de trabalho, mas vou lhe escrever esta rápida. É quase que só pra lhe mandar esta minha entrevista pra Diretrizes que não sei si você leu. Aqui fez bastante bulha, causou bastante malestar sobre tudo. E me deu muito desgosto. Está claro, os moços, mais francos se dividiram com bastante nitidez, uns se colocando com franqueza acomodática do lado da arte "pura" ("pura" agora significa comodismo, conformismo, safadismo e aproveitismo) e outros me "celebrando" com excessivo louvor. Digo com excessivo louvor, não é por modéstia falsa não, mas por causa da maneira do louvor. Juro que preferia que em vez do louvor a mim, e não porém em oposição aos meus companheiros de geração (coisa que é muita antipática), eu preferia ação mais franca deles. Você não imagina, chego a ficar desnorteado: vem um, ou me escreve, ou telegrafa, ou de corpo presente me abraça com calor, "que coragem!" (não é estranho que todos só celebrem a minha "coragem", como si o problema da coragem fosse o que importasse no caso!), e me exaltam a coragem e a razão, que é isso mesmo! que os meus companheiros são uns molóides acomodáticos, etc. e tal, e... e fica nisso!). Mas enfim ainda são alguma coisa. Ou querem ser... O pior é o palco cinza em que se meteram nisto os meus companheiros de geração, ficam assim meio desapontados, riem amarelo, acham que não concordam "muito" com o que eu penso, sorriem, fogem de discussão, pedem que eu não argumente, que fique tudo nisso. Quando não me contam que escreveram um artigo danado, na própria "Manhã" xingando a censura, o Dip, não sei o que mais, procuro a coisa, vou ler e não passa de água flor de laranja! Mas são meus companheiros de geração, são meus, são eu. Os moços me aplaudem, me circundam, ficam preocupados, sofrem com o que eu digo, desejam ser comigo. Eu sinto o calor deles, sinto sim, me decidem mas, mes sinto frio, não me satisfazem, são moços, são já outra coisa. E é quase trágico Newton, está assim cercado e sentir uma ausência terrível de si mesmo, dos "seus" e tomar com esta sensação definida, definitiva de solidão, é quase trágico... Ah, queria saber si

você recebeu o livro do Octávio de Freitas Júnior que eu prefaciei. Mande dizer porque desejava muito que você lesse esse prefácio, faz muito parte do mesmo ciclo de idéias que me deu a entrevista de Diretrizes.

Estou francamente muito melhor, enfim a doença foi descoberta e o tratamento acertou, ando até me colorindo. Mas o divino é a capacidade de estudo e trabalho que voltou integral. As vezes até trabalho um pouco demais e voltam dores-de-cabeça, mas não é mais a do ano passado, com caflaspirina sara logo. Estou trabalhando muito mas de-fato muito longe de Portinari, no momento, pra sequer poder pensar e ter qualquer gosto em escrever sobre ele. Não posso mesmo, estou noutra mundo. Quando que o Caribé manda a tradução? estou curioso, acho tão difícil traduzir o Macunaíma!

Está claro: mandei imediato, antes mesmo de mandar a você, cópia do seu prefácio pro Zélio Valverde que acusou recebimento, estou cheio de pressa pra ver o livro de você em português. E é só. Gostei da carícia de Lídia me mandando boas-festas pela letra dela na sua carta, letra boa, sincera, leal, enérgica, de poucos amigos, diz a grafologia. E aqui lhe vai um hiper-super-ultra abraço, como se diz em linguagem de anúncio de cinema barato.

(M e traço)

São Paulo, 16-IV-44

Meu caro Newton,

esta carta vai lhe causar algum desgosto, se prepare. Estou respondendo à última sua, que tem tanto assunto que vou responder rápido um por um (...*).....
 Eu estava no hospital, e aliás mesmo que estivesse presente nada poderia fazer, está claro. Por coincidência, no dia em que o Petit (19) chegou, eu entrava no Hospital Sta. Cecilia pra fazer a estirpação das amígdalas que estavam infectadas, sofri hem. Basta lhe dizer que já fazem quase trinta dias e a garganta ainda não se normalizou de todo. Mas só me chateia, já não faz sofrer. Com isso, quatro dias de hospital e mais de semana sem falar não pude ver o Petit sequer. Mas meus amigos, dois estiveram com ele por mim, e fizeram o que era possível para obter a tradução e principalmente os originais de Caribé, que me deixaram desesperados. Mas foi impossível, e afinal o chefe da censura comunicou que não podendo decidir por si o caso de um livro publicado em 1928, antes da revolução de 30, e é apenas um romance poético, mandara tudo pro Rio, pra censura de lá! Pois nada se resolveu até agora, não sei onde anda tudo, e já entregamos o caso à Sociedade dos Escritores Brasileiros, com sede no Rio, pra vez si consegue ao menos a repatriação pra Buenos Aires de tudo. Estou literalmente desesperado acredite, principalmente por causa dos desenhos do Caribé, assim jogados de Seca em Meca. Mas também pra que você mandou eles! Bastava umas duas fotos só pra satisfazer a minha natural curiosidade apaixonada por eles. Da tradução naturalmente vocês guardaram cópia e não faz mal se perder, mas os desenhos! Si conseguir alguma coisa e a salvação dos desenhos lhe telegrafarei.

Acho mesmo melhor por "dalmônios" a primeira vez entre aspas. Também não existe em português, e naturalizei a palavra grega, como já vi naturalizada em folclore creio que em inglês, porque a palavra "demônio" já sistematizada na terminologia católica, só significa o espírito do mal, ao passo que a palavra originária, "dai-

(*) Cortados vários períodos pela censura.

(19) José Luis Reissig. Pensador e escritor uruguaio.

(20) Petit Murat. Teatrólogo e cronista argentino.

mônio", significa mais complexamente os espíritos, em geral propensos ao malefício, mas que podemos apaziguar. Enfim o "espírito" na sua compreensão dos povos primitivos.

Sei sim "Que é quem". Ando até chateado com um norte-americano, que me pediu o que eu sou, mandei, traduziram péssimo, corrigi, tornaram a traduzir cheio de defeitos e acabei não respondendo, que se forniquem e não tenho interesse em meu nome nos Estados Unidos, não sei, mas sempre me pareceu que a minha existência se circunscreve ao Brasil. Pelo menos foi este o destino que penso ser meu e por isto me dei restritamente. Mas pro seu "Quem é quem", está claro que responderei e si precisar alguma outra coisa de mim, informes, indicações, me utiliza, que tudo farei de coração aberto. Quanto à sua vinda, acho que é impossível pra mim ir a Porto Alegre. Antes de mais nada é um caso psicológico detestável, eu não sei viajar, não gosto de viajar, perco noventa por cento de mim, sobretudo liberdade de pensar, elogio tudo, fico amável sem gosto, e me sinto besta e aviltado. Mas lhe peço que venha a São Paulo sim, porque eu sei que seria um gosto imenso dar um abraço real em você e ficarmos conversandinho sem tempo. Não se engane: nada daquele delírio de riso e felicidade epidérmica das nossas farras do Rio. Mas conversandinho, é a palavra, sem brilho mas numa intensidade melhor, engrandecidos de silêncio. Venha, sim.

A manografia sobre o Portinari, ficou ótima assim no vago. Uns tempos me desgostei do Portinari, foi mesmo um desgosto profundo que não falei a ninguém a razão toda, só um pouco a você e a um amigo meu daqui. Mas a chaga já passou e re-principiei a compreender, naquele meu princípio de toda a vida, de que os artistas verdadeiros são preliminarmente uns desgraçados, e com isso com uma capacidade enorme prá indignidade. A chaga passou, a marca ficou e em mim fica pra sempre, é uma pequenez minha. Mas faço como as mulheres, passo creme bem branquinho por cima da marca, maquillo a tal e assim ainda dá pra viver, e amar e compreender os grandes como o nosso Portinari. E ele além de grande, é realmente um homem bom, o que eu prefiro. E também sofre muito — o que eu prefiro ainda mais, o sofrimento dignifica qua se sempre. Só não dignifica quando nasce espúrio, dos nossos interesses pessoais. Mas eu creio que até o sofrimento nascido dos delírios da verdade, dignifica. E é muito o caso do meu Portinari. Por isso a coisa fica assim como está. No momento não posso pensar sequer em escrever a monografia, estou atolado no vício dos meus trabalhos de obrigação e no vício dos meus trabalhos de encomenda. Mas quem sabe si nestes três ou quatro meses fico mais desafogado, e posso escrever.

Por enquanto não preciso de comprar coisas aí. É fato, estão vendendo aqui livros de procedência argentina por preços absurdos, mas particularmente, o Paulo Zing, de Leitura, tem trazido ótimos livros da Argentina e por preços bem razoáveis, até baratos, e me desafogo com ele.

O livro do Freitas Júnior se acabou e desapareceu das livrarias. Vou ver si com a Editora consigo um exemplar (*) ainda e lhe mandarei, faço questão que você leia o meu prefácio, porque faz parte da minha estrada de Damasco.

Você está amargado com razão com a perda do seu emprego, mas nisto não posso comentar e você sabe porque. Quanto à sua amargura com os "amigos" que fazem chacota por você escrever demais, eu nunca ouvi nada, mas acredito que deve ser assim mesmo. Compreendo a sua amargura porque também tenho as minhas. Mas si quer receita pra curar, o único jeito bom mesmo é superar a chacota e conservar os... companheiros. Não perca os companheiros por isso, que um belo dia, você surpreende eles se rindo pra você num riso verdadeiro de companhia e de amor. Os homens sempre valem mais do que os instintos dos homens. Si algum riu, foi por *instinto* de

(*) O exemplar enviado anteriormente havia se perdido no Correio.

defesa, como qualquer inseto. Mas os homens, além de insetos, têm este coração que sabe palpitar de amor. Toca prá frente companheiro, toca prá frente, amigo.

Fiquei horrorizado com a Lídia prometer se vingar de mim fazendo a minha grafologia. Esse é um dos casos mais tristonhos da minha vida. Sempre tive uma letra grafologicamente linda, era uma delícia quando faziam o estudo dela, como era bonito por dentro, nobre, correto, leal, apaixonado, etc. Mas um dia veio o Departamento de Cultura e fui diretor de qualquer coisa e tive que deixar de ser diretor de mim mesmo. A minha letra aos poucos foi se transformando, e ficou na irregularidade dolorosa que tem hoje. Surgiram nela, os elementos da hipocrisia, da mentira, do disfarce, fatais nas intercomunicações políticas e administrativas. Imagine um homem inventando, por exemplo, casas de cultura proletária, que jogo de falsificações, de hipocrisias, de desvirtuamentos tinha que fazer! Basta lhe dizer que no dia que saiu o projeto, o então jornal integralista me passou uma bruta descompostura chamando o projeto de "comunista", ao passo que um comunista camuflado, me denunciava ao Governo noutro jornal porque o projeto era "integralista"! Palavra de honra. E perdi a bonita letra minha. Foi o Departamento de Cultura que roubou minha letra, nem gosto de falar. Vêm tantas amarguras...

Lhe mando o meu retrato (*) que mais gosto, mas exijo troca. Gosto mais porque marca no meu rosto os caminhos do sofrimento, você repare, cara vincada, não de rugas ainda, mas de caminhos, de ruas, praças, como uma cidade. As vezes, quando espio esse retrato, eu me perdo e até me vem um vago assomo de chorar. De dó. Porque ele denuncia todo o sofrimento dum homem feliz. Porque de fato desde muito cedo eu atingi a transcendência da felicidade, mas me lembro, desde 1922 a ralva desesperada em que fiquei com a besteira de Graça Aranha, na Estética da Vida, confundindo a dor, o sofrimento com a infelicidade. Ao passo que é desse ano mesmo aquele meu verso dizendo que "A própria dor é uma felicidade". Mas sucedeu o castigo. Essa transubstanciação dos sofrimentos foi tão bem conseguida em mim, que por muitos anos, perto de quinze anos vivi num delírio eufórico de felicidades e de felicidade. As lutas, os insultos, os erros, as dificuldades, as derrotas (a cada derrota, eu dizia alegre: Um a zero, perdi vamos principiar outro jogo!), eram pra mim motivos de tanta, não alegria, mas dinâmica do ser e superação até física, que me esqueci que sofria. Até que tiraram essa fotografia. E fiquei horrorizado de tudo o que eu sofri. Sem saber. O abraço mais fiel pra vocês dois

(M e traço)

S. Paulo, 9-VI-44

Newton querido. Recebi sua carta e os prospectos do "Quem é Quem" que distribuirei por 40 músicos conforme você me pede. Allás já principiei. Adjunto no verso de cada prospecto uma palavrinha minha, que você mesmo verá pelos que receber de volta, mas você já sabe esta incúria dos brasileiros em responder cartas e coisas deste gênero. Enfim veremos si consigo alguma coisa. Como V. já sabe pelo telegrama que lhe enviei ontem mesmo, recebi ontem a tradução do Macunaima e os 38 desenhos do Caribé. Estes são uma delícia, gostei muito e um amigo meu que é severo nessas coisas, único que viu por enquanto também gostou. Alguns eu estou imaginando coloridos que delícia havia de dar, mas estas coisas encarecem tanto as edições, enfim estão aprovadíssimos os desenhos. Quanto à tradução, apesar da minha curiosidade natural, ainda nem peguei, ainda não tive tempo nesta vida atribulada e cheia de compromissos, como você sabe. Tenho que acabar esta semana mesmo um

(*) A fotografia enviada, apesar da opinião de Mário, era uma horrível montagem de luz e sombra que o tornava de uma feiura estranha bastante diversa da sua feiura verdadeira.

estudo longo pro Boletim Interamericano de Musica, de Montevideo; até o fim do mês tenho que acabar um estudo sobre o Clóvis Graciano, pra um livro que vai sair sobre ele aqui. E assim desses gêneros tenho vários estudos pra acabar e que fixe pra acabar até fins de julho, o mais tardar. Nem vou tomar férias agora, porque quero me ver livre de tudo isso pra principiar uma espécie de vida nova em agosto, que não aguento mais esta vida. Vou bancar o neurastênico, não receber mais visitas de intelectuais estrangeiros que passam por aqui, de turismo, agora que a Europa está pouco turística e desejam ver a gente, pra encher o tempo vazio do turismo. É o diabo: a gente vira onça de espetáculo, espiam, espiam, se gasta um dinheiro inútil e um tempo ainda mais inútil ainda. Meu jeito é assim, Newton, não me agradam mesmo essas coisas, conhecimentos de passagem em que a gente apenas se apalpa, e não aprofunda nada, vira virtuose na vida. Aliás você diz na sua carta que apesar de eu não querer viajar de corpo pra fóra do Brasil, estou viajando impresso em traduções. É verdade, mas você nem pode imaginar a espécie curiosa de malestar que isso me causa. Fico meio absolutamente. Está claro que isso me dá satisfação, quem não tem vaidade! mas é a verdade mais verdadeira, sem humildade nem orgulho, que eu jamais imaginei, me sonhei sabido e traduzido fora do Brasil. Uma obra de combate artístico, linguístico e explosivamente nacionalista como a minha, decerto foi a consciência de toda essa restrição estética que eu me impunha que fez com que nunca eu sonhasse me ver traduzido ou conhecido fora daqui. Temor, timidez, receio, mais que humildade propriamente. Desejei ser útil no meu rincão e cultivei o meu jardim, sem sonhos vãos. De forma que agora, quando me vejo traduzido em letra argentina ou lánque, não me consigo normalizar no prazer novo, fico... fico bêsta. É ingênuo, eu sei, mas eu tiro certa segurança e calma de espírito das minhas ingenuidades. Aliás pode dizer ao Baudizzone que dou sim minha autorização para fazer traduzir e publicar na coleção "Mar Dulce" o meu Cancioneiro de Lampeão. Agradeça a ele por mim. Você me fala também que estão traduzindo aí um artigo meu sobre o Clóvis Graciano, está muito bem, façam propaganda boa dele, que é realmente um ótimo artista. No desenho sobretudo gosto muito dele, e parece que fez ultimamente uns quadros estupendos que vou conhecer na segunda próxima, pra incluí-los no livro que vamos fazer. Engraçado: o Frontini está traduzindo também aquele meu ensaio sobre o Desenho, que saiu na edição de luxo do "Mangue" do Lasar Segall. Esse é um dos casos bem engraçados que sucederam comigo. Sabe que quando eu estava escrevendo isso, de repente, vendo que era um pouco grandilo, não sei, um bocadinho refinado como maneira de pensar, eu imaginei: está um trabalho escrito mais ao jeito intelectual dos argentinos que dos brasileiros, pois o trabalho foi apreciado mediocremente aqui, mas o Frontini veio me chamando ele de "maravilhoso". De fato eu acho que os argentinos já atingiram um civilização intelectual, um refinamento de pensar à européia, maior, que os brasileiros. Não digo cultura não, mas civilização intelectual. Até como cultura eu acho que nós, sem termos filosofos, temos no entanto um processo tradicional de pensamento mais original que pode nos levar mais longe na criação dum maneira nacional de pensamento. Não sei si me explico bem. Mas o maior refinamento intelectual argentino me parece incontestável. Bom clao. Um abraço fiel pra você com Lídia

do
(M e traço)

S. Paulo, 5-VIII-44

Newton,

Lhe escrevo sem muito assunto ainda, só porque não tenho recebido carta sua, qué que há? Ah, me lembro de repente que tenho um assunto sim: é acusar recebimento do conto de réis da tradução do "Música do Brasil" por Intermédio das contas que a Lídia tem com o Martins. Ele já me comunicou ter creditado o conto pra

mim. Chegou na hora pra abrandar a despesa doida que eu tinha feito, doida pra época, da Encyclopaedia of the Social Sciences, já está aqui brilhando aos vossos olhos. Você me comunicou que meu livro estava para sair, quando que sai? Quanto ao Macunaíma, não julgue mal de mim, ainda não li na tradução de Carybé, só farei isso este mês. Não imagine nenhuma indiferença minha, pelo contrário foi deferência e cuidado. Estava com tamanhos compromissos que me atrapalhavam demais, e resolvi acabar com eles primeiro pra neste agosto viver de vida mais minha. É o que de-fato estou fazendo desde o dia 1.º, e por isso lhe escrevo. Até hoje, já escrevi uma carta, e já deliciosamente escrevi uma poesia, que faz bem mais de mês estava engatinhada sem chegar. Chegou hoje, de repente, sem pedir licença, estava pretendendo fazer coisas muito outras e ela chegou. Faz parte allás de um grupo novo, de fase nova, ou pelo menos de caracter técnico novo, a que dei o título de "A Lira Paulistana", por que são poemas que se referem a todo instante a São Paulo. Crelo que achei de novo a mão, isto é, a minha mão. Depois do Café, as preocupações de poesia de combate, andaram melo que me desvirtuando em meus processos e convicções, não pegava o jeito. Pois de sopetão deslançando por um acontecimento inesperado e que não vale a pena contar, a coisa jorrou, me saíram de jorro uns dezesseis poemas. São coisinhas curtas, muito sintéticas, em geral metrificadas e rimadas. Si pudesse lhe mandar... Gosto dessas poesias porque sei que sou eu. Aos amigos que mostrei causaram as reações mais diversas, mas na verdade parece que só três ou quatro gostaram de fato. Os outros nenhum "não gostou" mas ficaram melos longínquos. Mas o que hei-de fazer, é sempre assim comigo. Já muito que tenho a experiência e até já escrevi publicamente isso: quando eu faço uma coisa nova, d'ai é que principiam gostando do que eu fiz imeldatamente antes. São raríssimas as adesões imediatas. Tenho que esperar.

Mas já combinei com um amigo. Amanhã ou depois pegamos juntos na tradução de Caribé e eu de tradução, ele de original, lemos tudo numas quatro ou cinco noites. Até o fim do mês (que as noites têm de ser espaçadas), lhe direi o que acho. Li um pouco quando chegou, e o que li estava bom. O bom possível pra um livro tão desgraçadamente irreduzível como esse. Quanto às ilustrações, já falei, gostei muito. A interrogação é quanto a mandá-las de volta, ôh vida complicada! Vou parar que positivamente estou sem assunto e me exprimindo mal. Decerto fiquei fatigado com a escritura da poesia que chupou tudo quanto eu tinha de mim, fiquei sem eu. Agora vou tomar um banho morno e depois vou ler um bocado. Pelo menos ler por alto as obras de Antônio José, o Judeu, lidas algumas apenas na mocidade e de que agora saíram as Obras Completas a cem paus! Nada menos. Mas preciso dar uma olhada cuidadosa no homem. Por causa dos meus estudos sobre a evolução histórica da modinha, e possivelmente do lundu. Este último, por causa dum compromisso antigo, andei escrevendo um artigo mais longo sobre. Me despertou uma paixão danada por tudo quanto eu consegui imaginar sobre ele, é interessantíssimo. Infelizmente não pude me alongar por um ensálo mais longo e pormenorizado, e mais pesquisado também, ainda não tenho tempo pra isso. Basta dizer que nem as minhas fichas sobre o lundu consultei, que são numerosas demais, umas duas centenas, e iam me tomar tempo demais. Este ano, apenas vou terminar a minha monografia sobre o tal pintor do séc. XVIII, Jesuíno do Monte Carmelo, e fazer, caso ainda o Guillermo de Torre queira, o livro sobre o Portinari. Escreverei a ele amanhã ou depois, pedindo resposta urgente. E é só por hoje. Tem recebido as respostas musicais pro Quem é Quem? Lembranças pra Lídia e pra você, ciao breve com o abraço do

(M e traço)

S. Paulo 20-VIII-44

Newton querido

recebi sua carta ontem, e lhe escrevo já, apesar desta máquina incrível em que estou me atulhando. Não é a minha que estragou de repente, e agora já não acho meio de consertar mais. É domingo, e chamar o homem, máquina que parte, decerto uns quinze dias de espera, é impossível. Porque sua carta cruzou com outra minha por esses ares do espaço, e fico ciente pois que o Gullermo de Torre está esperando o meu trabalho sobre Portinari. Pode pois avisar a ele que o trabalho irá garantido até fins de dezembro. Quando o postar aqui, telegrafarei avisando. Estou sentindo uma dificuldade grande pra escrever nesta máquina que também é minha (é a portátil) mas em que faz quase três anos, isto é, mais de três anos que não pego. E eu sou desses que só sei escrever naminhamáquina. Como se consegue fazer este espaço um, não houve jeito de descobrir, e tenho que estar com a preocupação de virar de linha a linha. E agora percebo que não tem acento grave! Me sinto infeliz demais pro gozo de ser feliz te escrevendo, vou parar. Era mesmo só pra dar o recado sobre o livrinho do Portinari. Quero ver si escrevo ele por todo o setembro, em que vou tomar férias do Conservatório e viajar pra Minas. Mas vai sobrar tempo, escrevo na rapidez, e flico com dois meses pra repensar no escrito e consertar. Ah, meu irmãozinho! você alude a sua dificuldade de escreve, dizendo ter inveja da minha facilidade... Si eu lhe confessasse tudo, você ficava horrorizado. Não é só o caso de certos poemas até longos terem dez ou treze versões. Mas contos, meu amigo, contos que não só chegam a ter às vezes três versões diferentes (um que principiiei em 1924 e acabei o ano passado teve certamente umas oito versões!), mas o inferno é quando inutilmente você fica, diante da obra já escrita, vinte, quarenta minutos desgostoso duma palavrinha só e nunca acha outra, nunca achará e o desgosto fica pra sempre. A minha unica facilidade, acredite, é escrever com regularidade, sempre, nem que seja pra jogar fora. E disso vem a minha produção enorme. E também, esta produção, vem do princípio de transitoriedade da arte que me dei. Como jamais me preocupei de ficar, não faz mal a precariedade que vejo em todas as minhas obras. Só uma vez, o excessivo entusiasmo alheio pela promessa, me pôs na presença do desejo de escrever uma obra que fosse de grande valor, o romance "Café". Pois tive que desistir: a intenção de escrever uma obra de grande valor (me inculcada pelos outros, isto não há dúvida) me impossibilitou totalmente de escrever e percebi que era uma pretensão. Mas que já não podia mais abandonar. Oh como me perguntavam pelo romance, como me martirizavam o que ia ser. Sofri como um desgraçado e o sofrimento só acabou quando decidi decisivamente abandonar pra sempre o livro. Mas ficou a saudade... Pois é: se console comigo, irmãozinho, regulariza a sua hora de escrever e você verá que o seu romance sai. O projeto é ótimo. Intimize o mais possível, analise, evite muito acontecimento, muito draminha exterior, o seu projeto dá pra um livro estupendo em profundidade. E ciao, o castigo desta máquina está demais, não tenho espontaneidade. Breve lhe escrevo sobre a tradução do Macunaima. Lembranças pra Lídia e guarde este abraço fiel do

(M e traço)

S. Paulo, 9-X-44

Newton, meu velho,

É de-manhã, hoje é dia dos meus anos, 51, e vai tudo muito bem. Nenhum problema cresce em mim, nem irá me dar nenhuma fase de loucura que nem a do 40 anos que lá ficou no "Grã Cão de Outubro". Nem sequer tive nenhuma alucinação derivada do dia, como aquela curiosa dos 50 anos. Foi estranho, estava entredormido apeias, entrou em total silêncio no meu quarto, uma mulher toda de branco, veste sem estilo, veio chegando até a cama, não tinha rosto, a visão chegava até um pesco-

ço indefinido só, mas senti que ela sorria meia conivente meia irônica, como que a me dizer que alguma coisa que não sei bem o que é, não tinha importância e não me incomodasse. Chegou até mim, e com mãos maravilhosas, milagrosas de beleza e de cura de tudo, fechou minhas pálpebras e partiu. A simbologia não é difícil de explicar, mas me parece que as explicações do sucedido são insuficientes, porque por detrás delas, tem outra explicação mais verdadeira e que não se recusa a dizer. Mas, pois é: esta noite não tive nenhuma alucinação, mas esta manhã não posso trabalhar sistemático, porque hoje positivamente não é dia pra eu me recusar às telefonadas, e estas estão sendo, é natural, bem numerosas. Estava lendo agora o Sérgio Milliet no "Diário Crítico" e de repente me lembrei de você. De noite virão, eu sei, alguns amigos mas poucos, sem festa Deus te livre! e uns dois indesejáveis na certa: é o amargo do prato. E sinto, me lembrei, desejei você também aqui de-noite. Lhe escrevo (...*)

.....) Newton você não pode imaginar a briga, a verdadeira guerra em que me atirei com o mundo ambiente desde o momento de agosto em que decidi a todo custo viver mais pra mim e por mim. As encomendas de coisas chovem, tenho que recusar penoso, discutir, e acabar até malcriadamente fincando o pé contra as insistências também malcriadas. O telefone é um inferno também, mas a frio, não atendo nem mesmo a não ser nas horas determinadas. Mas o contra o que posso é nada é a convivência dos que, mais moços, menos experientes em arte, carecem de mim, me procuram, e vejo que posso ser útil. Eu sei que a minha mais legítima obra-prima é mesmo essa jamais publicada, vida de companheiro mais velho e mais experiente, que ajuda e dá confiança nos outros. Ainda agora, fui vadial 15 dias em Belo Horizonte. Você não imagina o que isso me trouxe de obrigações novas com os moços que se aproximaram de mim, e as preocupações que eles me deixaram no espírito e também no coração que não pode deixar de amar. Você não imagina como me preocupa ver toda essa mocidade, desprovida de mocidade, da mocidade que eu tive, leve, despreocupada, só preocupada de si mesmo, irresponsável, sentimental, dramática sim mas do seu próprio drama. (Fui obrigado a cortar o papel da folha anterior, que esta máquina amarrotta sempre de maneira ilegível, este papel fino). Ao passo que os de hoje vão: vejo eles sem mocidade, se julgando responsáveis de tudo, preocupados e apaixonados de guerras e políticas, amando aos trancos, sem sequer saborear os sofrimentos de amor. É triste. E a pena deles, as preocupações com eles me devastam. Bem, mas falemos no Macunaíma. O Carybé que me desculpe. Gostei muito sim dos desenhos dele. Têm alguns então, a maioria, os de página inteira, feitos de um tecido cerrado de linhas que são uma verdadeira delícia plástica, estupendos. E também do carácter, da caracterização dos tipos e personagens colaborantes, que é muito divertido, ótima fantasia, otimamente coincidentes com o espírito do livro. Não duvido mesmo de chamar certas páginas inteiras, principalmente das que incluem matos, como magistrais. Só gosto menos, pra ser franco e amigo como sou, de algumas das ilustrações em que entram figuras nuas, de corpo inteiro e grande (no desenho) em que os corpos me parecem menos sentidos sexualmente e as linhas curtas e mais espaçadas dos sombreados um pouco duras. Mas estas são pouquíssimas, duas ou três creio, e em nada prejudicam o conjunto que é excelente. Por favor diga isto ao Carybé e que aprovo inteiramente os desenhos. E a tradução também, aqui sempre enquanto eu conheço pouco o castelhano. Só me pareceu garantidamente sem resultado, a carta prás Icamíabas, escrita em português pernóstico, pretencioso e frequentemente errado, e cuja transposição não pude pegar bem e me pareceu ineficaz. Mas falarei detalhadamente, e enviarei, como estou fazendo, explicações e concertos, detalhados, linha por linha, isto é indicando até página e linha pra facilitar as modificações fáceis e pouco numerosas a fazer. Mas isso ainda não acabei, embora deva estar pela quarta parte. Tive que suspender de novo a leitura, que assim controlada é penosa e lenta, por causa de trabalhos urgentes a fazer. Tão urgentes e fatais, que

(*) Cortado pela censura.

até ultimamente me fez parar certas colaborações nos jornais do Rio, o que me traz um desaranjo sério nas finanças. Basta isto, pra vocês verem que si suspendi por algum tempo a leitura da tradução é mesmo por excesso de ocupações inadiáveis. Não é desleixo meu, nem desgosto nenhum pela tradução, que até me espanta por certas soluções felicíssimas. E confesso que estava muito pessimista, por causa das dificuldades do livro. Agora, pelo contrário, estou otimista e admirado. Chega por hoje, um abraço pois, muito franco e grato no Carybé, um beijo prás mãos de Lídia que é beijo de verdade mesmo, pois não costumo beijar mãos de senhoras e damas, e mais este abraço seu, do seu do coração,

(M e traço escrito a tinta)

(Em manuscrito: E o papel se engruvinhando outra vez).

São Paulo, 1-XII-44

Newton querido,

não sei si é esta máquina que enruga papel de avião, ou si não há papel de avião aqui que não enrugue em máquina, logo adiante você vai ver como isto fica. Não tenho lhe escrito. Já sabe o que é não? Mas hoje escrevo nem que chova canivete e apesar desta sinusite braba e besta. Como vai tudo por aí? Você me pergunta si não recebi o seu Aleijadinho: recebi sim, e acusei naquela mór e infalível ciência de correspondência que é a minha. (*) Está bem sim e você continua aquele americano justo e brasileiro justo que eu falei. Por sinal, quando que saem os seus Ensaios Americanos traduzidos! Será que saíram? Esta pergunta é possível porque às vezes passa meses que não entro em livreria aqui. Dantes ainda duas ou três vezes por semana ia na Jaraguá, questão de tomar chá e por isso via os livros. Mas depois que a úlcera famosa e fiel portou neste duodeno frágil, passei a tomar leite com manteiga e creme nas letterias onde isso tem, que não na Jaraguá, no dizer dos clássicos. Hoje mesmo despachei pro Portinari, no Rio, o trabalho que fiz sobre ele pra Losada. Ele mandará de lá, porque tem de acrescentar uns dados na coleção das fotografias e talvez mandar junto uma têmpera pra fazerem a tricomia de abertura do livrinho. Meu trabalho salu ruim, Newton, como vai ser! Isto só lhe conto pra você, e você não só não conta pra ninguém, mas além do amigo que é, superbanca o amigo, e garante que está muito bom. O caso é complicado, não há jeito mesmo, o escrito empacou na garganta, e tem qualquer coisa por dentro de mim, uma espécie de ressentimento passado que não deixa a coisa sair boa tão cedo. É preciso que a presença do ressentimento se abrande, e essas coisas comigo, sou tão alfenim, demoram anos. Não é que tenha brigado com o Portinari. Deus me livre! antes de mais nada devo favores a ele que gente como eu isso não esquece nunca. Mas de fato o Portinari foi duma grande paixão "contra" mim nuns julgamentos; e isso tanto mais me doi, que num dos casos, si tivesse alguém a ficar zangado, seria eu. Ele foi duma inconsciência, duma levandade e duma crueldade incrível. Foi no caso da conferência do Itamarati, sobre o Movimento Modernista. Sem perceber nada, num dos momentos de maior tensão de minha vida, de maior sofrimento por outro lado, depois de um escândalo de campanha disparada de propósito pra acabar com a conferência depois de uma ingratidão violenta de amigo (que isto, de fato era a única coisa que Portinari não podia saber nem perceber) e depois de aguentar um desprestígio danado, mesmo espesinhamento, é que ele, um amigo de todo o dia achou de vir me espinafrar em público, dizendo que todo o movimento modernista fôra uma brincadeira sem valor. Você não imagina, Newton, o que eu tive de vencer dentro de mim, pra me conservar fingindo desenvoltura, alegria e calma, o cális transbordou. Mas transbordou por dentro. Mas também a gente tem certos amigos íntimos, que no entanto são amigos de fato...

(*) Carta extraviada no correio.

E um deles ainda achou, no ano passado de me contar que sustentara briga dura com o Portinari, pra me defender, por que o Portinari ficara zangado, e boca de Portinari quando zanga, dá som pra qualquer injustiça. E o resultado é que o trabalho pra Losada engasgou aqui, e um ressentimento não deixa ele sair. Salu o mlhor que eu pude, trabalhar, trabalhei muito. O Portinari gostou muito, e outros que leram, e ele me escreveu uma carta magnífica de ternura e amor. Mas sei que o meu escrito, não são as idéias que estão rúins, mas estão mal expostas, a leitura é difícil, requer muito atenção. E ficou com feição polêmica, talvez mais que o necessário. O Portinari apaixona, não se fica indiferente diante dele, e sei que tem desafetos até aí. A feição polêmica era necessária, mas não sei si não exagerei. Exagerei sim. Enfim, você faça um esforcinho pra me ajudar. Inútil pedir mais tempo: a censura não deixa melhorar. Si acharem de recusar não zango. Mas si aceltarem assim mesmo, estenda as suas asas benéficas de proteção sobre o trabalho pra que ao menos saia bem traduzido. Si não entenderem alguma frase, ou sentido exato da palavra que mandem perguntar, esclareço. O papel não enrugou!

Foi que botel um papelãozinho leve por detrás. E ainda tem este rabinho de conversa. Agora entro num mês infiel: exames finais de ano no Conservatório, dois trabalhos regularmente importantes pra terminar até dia 31 sem falta. Além, isto é participação, duma sítioa que vou comprar, duas horas daqui mais ou menos, e que fica pertencendo a vocês pra tudo. Eu tendo terra, terra pra viver têm meus amigos, e você é da primeira turma já sabe. Meu Deus! ia me esquecendo: o "Música del Brasil" salu afinal? Si não me engano, você me avlsou que já tinha saído, e já tinham mandado exemplares pra mim, até agora não recebi nenhum! Está claro que tenho interesse e vaidade nisso. Veja si me mandam alguns exemplares pra eu me mirar em argentino. E é só, por hoje. Me escreva por favor. Lembranças pra Lídia e guarde o abraço mais saudoso deste

(M e traço em lápis azul)

(Encimando a página, manuscrito a lápis azul: não reli.)

S. Paulo, (sem data)

Meu velho Newton,

não posso escrever, hoje. Apenas esta chateação. Peço a você fazer entregar ao Guillermo de Torre a carta que vai junto. A ele ou a quem de direito, porque não sei si ele ainda está na Losada. Estou acaba-não-acaba com a primeira versão da minha monografia sobre o padre pintor do séc. XVIII, de que já lhe falei. Os que leram partes do escrito, e interessados nele, estão gostando bem, mesmo entusiasmados. Creio também que é dos meus trabalhos mais felizes sobre interpretação plástica. E agora que está no finzinho, vai correndo macio, me sinto, ao menos nisso, feliz. Lembranças pra Lídia, e guarde o abraço deste chateador.

(M e traço)

São Paulo, 15-II-45

Newton.

1º Que é que há? — 2º) Por que os Ensalos Americanos não same no Valverde? 3º) Por que você não tem me escrito? 4º) A leitura do livro ilustrado pelo Caribé está quase acabada: a quem entregar pra que siga sem tropeço odestino? Você ficou de vir por esta data, vem ou não vem? 6º) Só agora estou mandando, mas por correio comum registrado os três volumes já saídos das Obras Completas. Impossível mandar por avião, ficava num preço que não posso pagar. Quando receber, me avise. Quando reclamei o "Música del Brasil" recebi um volume. Será que só tenho direito a um,

nem cinco me mandam! — Agora uma chateação nova, da qual você tem de me salvar, agente: No fundo é só telefonar ao Guillermo de Torre, dizendo que estou muito doente, proibido de escrever, que foi impossível escrever o livro pra Losada e que desisto definitivamente disso. Si o Guillermo fizer questão mesmo disso, porque não encomenda o livro ao Anibal Machado, por exemplo, que entende muito de artes plásticas e conhece bem a obra de Portinari?

Cá pra nós: escrevi o livro como prometi e acabei ele como prometi em novembro. Salu péssimo, eu mesmo reconheço. E o Portinari com muita razão, recusou que se publicasse aquilo sobre ele. Reconheço que ele tem razão e dou a mão à palmatória. Allás não fomos só nós dois a ter essa péssima opinião do livro, o Manuel Bandeira e mais uns poucos que leram, acharam a mesma coisa. Salu um livro polêmico! Agresivo, justificando certos aspectos da obra de Portinari que muita gente não quer compreender. E o que é pior, nada expositivo nem descritivo nem sequer interpretativo como devia ser, mas particularista, tratando de três ou quatro casos especiais. Além de confuso! Eu sei muito bem porque sucedeu isso. Sou um sentimental, sou, sei que sou, ando muito ferido por dentro com coisas que sucederam aqui, e escrevi sem vontade, sem entusiasmo, sem amor.

Paciência: não presta. E no momento sou incapaz, absolutamente incapaz de tentar outra vez e outra coisa. Não só porque tenho vontade de fazer isso (oferecimento continua aberto), como porque este ano tenho outra tarefa. Vou escrever a monografia sobre Dona Ausente e a sobre Música de Feitiçaria no Brasil. E além disso um estudo longo, ensaio muito desenvolvido sobre o Manuel Bandeira e o Carlos Drummond que atingiram o ápice da poesia deles. Tudo isso tenho vontade, tenho amor e tenho paixão. Si sair rúlm, sairá sempre 99% do que eu sou. Mas imagine que até agora não reiniciei nada disso e já estamos no meio do 2º mês! Tudo se atrapalhou com o Congresso dos Escritores que esteve formidável (teve os ecos?) e uma encomenda de prefácio a um livro sobre Chostacovich. Creio que salu bem bonzinho, dessas coisas em que a necessária modéstia só permite à gente dizer que salu... da gente. O prefácio terá 89% de mim. Se sarapante irmãozinho com tamanha atividade. Pois já acabei também e entreguei o meu "Padre Jesuíno do Monte Carmelo" pro Serviço do Patrimônio, deverá sair ainda este ano, si Deus quiser. Estou brigando com a Americ Edit que fez uma edição do Belazarte que em 180 e poucas páginas tinha 124 erros de revisão! Fiz suspenderem a venda, e a Associação Brasileira de Escritores a quem entreguei o caso, está pleiteando rescisão do contrato ou edição nova. Prefiro rescisão, que assim o livro já iria prá's Obras Completas, mas justo pra não demonstrar que estou com má vontade pus o caso nas mãos da ABDE. E arre que é só de tantas e tamanhas notícias. Me responda logo às perguntas iniciais, sobretudo a questão do livro do Carlbé que urge. Ou me mande falar sobre por algum viajante que vier d'aí. Não há quem não compreenda os meus escrúpulos diante do valor desses desenhos. Lembrança pra Lídia e não se esqueça assim deste seu amigo velho e certo,

(M e traço, a tinta)